

DÉLIA

(MARIA BENEDITA CÂMARA BORMANN)

DUAS IRMÃS



DÉLIA

(MARIA BENEDITA CÂMARA BORMANN)

DUAS IRMÃS

1883

INTRODUÇÃO, ATUALIZAÇÃO DO TEXTO E
NOTAS

NORMA TELLES

2011

ÍNDICE

NOTAS DE UMA LEITURA.....	5
REFERÊNCIAS.....	20
I	21
II	29
III	35
IV	41
V	45
VI	51

VII	57
VIII	65
IX	71
X	75
XI	81
XII	85
XIII	91
XIV	95
XV	101
XVI	105

NOTAS DE UMA LEITURA

Norma Telles

Duas Irmãs, de Délia, foi escrito em 1883 e publicado no ano seguinte, em volume único, com outros dois romances da autora. Os três enredos exploram as ações e relações entre personagens que vivem o que foi denominado ‘o romance familiar’ e embora o tema seja o mesmo, as tramas são bem diversas. A autora observa particularmente a condição das mulheres, suas limitações e vicissitudes, em uma época em que a elas não eram dadas muitas escolhas e o casamento era o divisor de águas na vida de jovens burguesas, pois era para ele que eram preparadas. Nenhuma das duas irmãs teria uma vida feliz, uma por ser transgressora, a outra por obedecer às regras da sua sociedade. E talvez seja precisamente nessa sociedade que os problemas tenham começado, antes mesmo de as duas se tornarem moças.

A sociedade urbana brasileira do final do século XIX modernizava-se, isto é, adotava costumes da burguesia europeia, embora conservasse as características de ser uma sociedade escravocrata. Burguesia e escravidão por princípio se opõe, são

incompatíveis. Assim, as classes médias abastadas viviam costumes que não haviam surgido de um processo histórico próprio.

“Transportado para o contexto brasileiro, o repertório do luxo e bem-estar europeus será aqui apropriado como uma forma superior de cultura e civilização, impregnada de sentidos de progresso e modernidade”, anota com propriedade Vania Carvalho. No contexto, casa e família foram a chave de transformações para a integração da sociedade do Império ao mercado internacional, passaram a exibir uma riqueza tida como merecida manifestada nas aparências.

O espaço que cabia às mulheres era bastante estreito, apoiado em leis, princípios da Igreja e da medicina que então desfrutavam o privilégio de definir uma suposta ‘natureza feminina’, o que, por sua vez, era reforçado pela imprensa e pela literatura. Às mulheres cabia ocuparem o espaço da maternidade e da dedicação aos seus, alguém sem uma história própria. A esposa burguesa, como a descreveu o historiador Eric Hobsbawm, era um ser atraente, ignorante e tolo, que não trabalhava, mas dava ordens, não as crianças cujo senhor era o pai, mas aos empregados que tornavam patente sua situação social.

“A imagem da mulher que o século XIX nos legou é a de uma missionária do sentimento. O lugar onde ela semeia e cultiva as plantas frágeis da sensibilidade, da humanidade e da compaixão, é a célula familiar”, resumem Adler e Bollman em um precioso livro onde estudam as pinturas de mulheres em vários períodos históricos. Rara a ocasião em que uma mulher podia deixar esse lugar fechado para levar suas preocupações, se é que as formulava ao menos para si mesma, até a esfera pública. As labutas no mundo,

tão valorizadas pela sociedade burguesa, se davam em espaços de ação e criação artísticas quase exclusivamente masculinas.

As mulheres, na vida e na literatura estavam confinadas, fechadas, em arquiteturas de uma sociedade massivamente patriarcal, isto é, em casas construídas por e para os homens, de propriedade de pais ou maridos, e em textos literários masculinos que as definiam, na clássica versão da escritora Virginia Woolf, como anjos ou monstros conforme se adequassem ao padrão de madona do lar sem uma história própria ou se tornassem rebeldes/marginais por motivos opostos, por tentar uma afirmação de si e ter uma vida com história própria.

A trama em *Duas irmãs* é precedida de um prólogo que expõe um padrão de conto de fada que como Freud e Jung destacaram declaram e reforçam as sentenças da cultura talvez com mais acuidade do que outros gêneros literários. A trama inicial é assim: uma jovem, criatura meiga, doce, exemplar, casa-se com um homem que se revela um bruto e só a faz sofrer. O amor e os cuidados com as duas filhas são sua única alegria. É em seu seio que as meninas desenvolvem um sentido da existência, mas, ao mesmo tempo em que a mãe lhes assegura reconforto e asilo, ela não consegue ocultar desassossegos e conflitos. “Bem depressa as meninas compreenderam o que havia entre os pais: de um lado resignação, do outro grosseria: adoraram a mãe e sentiram afastamento pelo pai”, escreve Délia.

Às filhas, continua o prólogo, a infeliz mulher ensinou as primeiras letras, e providenciou uma melhor instrução contratando professores particulares. Vitimada por um casamento infeliz, a mãe

dedicada morreu. Foi logo substituída por uma moça perversa e intrigante, pouco mais velha do que as duas irmãs. A jovem madrasta roubara o coração do pai e se ocupava em tramar intrigas contra as jovens indispondo-as com o patriarca, com o objetivo de bani-las de suas preocupações.

Desde o início, portanto, como em tantos outros contos, é dramatizada a relação equívoca e ambígua entre o anjo de candura e a bruxa malvada. A madrasta representa elementos malévolos ou indesejáveis que no caso do anjo permanecem na sombra. Aspectos que o eu e principalmente os preceitos sociais consideram indesejáveis, sem utilidade e relegam à escuridão. A relação central do romance surge do interagir entre madrasta e enteadas, especialmente com a irmã mais velha, Diana, e os conflitos aparecem e germinam devido aos cerramentos nos quais todas elas estavam aprisionadas.

A madrasta, como a da estória de Branca de Neve, consegue tentar a jovem e fazê-la comer a maçã envenenada. No romance o fruto proibido é a experiência da sexualidade. A madrasta tramadora induz Diana a se entregar ao primo, mas naquela sociedade, a mulher que se permitisse experimentar amor e sexo era traída, destruída, condenada a sofrer com paciência e dignidade sua sina.

É a esse comportamento que a própria Diana se condena enquanto a perversa criatura exultante com sua vitória se apodera do prêmio, o primo sedutor. Tornam-se amantes até ela, cada vez mais descontrolada, acabar se desmandando completamente. A jovem/anjo ser tentada e sucumbir a tentativa da mulher/monstro, e a inversão pôster da situação, demonstra, mais uma vez, que mulher

e monstro, nos termos de Woolf, são faces da mesma moeda que ambas, a jovem angelical e a tramadora infernal, se espelham e reconhecem em si traços e atitudes da outra.

As irmãs, a mãe e depois a madrastra, todas elas estavam cerradas, literal e metaforicamente, na casa do pai. Nessa casa nenhum ambiente é descrito em detalhes, portanto, é um lar que não tem concretude física o que denota como é vazia e oca a vida familiar que ali se desenrola. A casa paterna não é desconfortável por ser pequena ou incômoda, mas por ser um espaço inadequado, um lugar onde não há vida amorosa coletiva, e não há lugar para as irmãs, a não ser o das regras do pai. Este sim pode se retirar para cômodos próprios, para seu gabinete onde tinha o direito de não ser perturbado. Para as irmãs ser chamada ao escritório paterno não podia significar boa coisa, e é lá que se inicia o prólogo, antes mesmo de fazer desfilar as outras personagens do enredo. Ao gabinete fora convocada a filha mais velha que entra ativa e contempla o pai.

“Um homem de 50 anos, forte e de feições acentuadas”, andava de um lado para outro, agitado e nervoso como quem fosse destruir um obstáculo, empenhar-se numa luta. “Nascera para déspota, não o podia ser inteiramente e isso o torturava”, descreve Délia. O pai tirano, déspota incompleto, podia, no entanto, abusar do poder sobre as filhas e o obstáculo que naquela ocasião estava diante dele era Diana, a filha mais velha com quem pretendia se confrontar e lutar até impor sua vontade.

Acusou a moça se ter desmandado, de ter esquecido seus deveres e ter-se perdido ao se deixar seduzir pelo primo pobre que morava com eles e com quem ela combinara secretamente se casar. Ao contar

ao pai que em breve se casaria, escuta aterrada este lhe dizer que já resolvera tudo, já dissuadira o sedutor de casar-se com ela mediante uma boa quantia em dinheiro. Convoca então o primo, Jorge, para que compareça imediatamente ao gabinete e exige que expresse sua concordância com aquele acordo. A moça “quisera estar sonhando” enquanto seu coração bradava trêmulo ao contemplar o amante “sem afeto, sem decoro, sem generosidade”, simplesmente um homem que a desonrara seduzido por sua beleza.

À dor pungente desse confronto, segue-se a luta com o pai que decidira casá-la com outro, com um homem de fortuna. Indignada ela luta contra a ideia, porém acaba cedendo, não às ameaças de espancamento, mas diante da intimidação paterna de separá-la da irmã, proibindo-a de vê-la e difamando-a diante dela. A ideia de ser separada da caçula, de ser diminuída ante seus olhos, provoca uma dor e um sofrimento insuportáveis. E Diana cede, casar-se-ia com o escolhido pelo pai.

O tema da ruína é no século XIX algo importante e significa coisas diferentes quer se trate de homens, quer se trate de mulheres. Para um homem a ruína era a financeira, acumular dívidas e não poder pagá-las, perder seus bens. Isto poderia torná-lo desprezível para os antigos conhecidos que deixariam de convidá-lo ou mesmo de saudá-lo na rua. Mas sempre poderia retornar à sociedade, passado certo período de tempo, recuperado, com outras roupas, outros postos.

Para as mulheres, porém, ruína significava outra coisa, era sempre ruína sexual, ‘perder-se’ como na frase empregada pelo pai da personagem era fazer sexo antes ou fora do casamento, não

importando se forçada ou consentindo. Poderia mesmo ocorrer de nada ter acontecido, porem, se as pessoas ao redor suspeitassem de atos que considerassem ilícitos, isto seria suficiente para a moça ficar arruinada.

O duplo aspecto atribuído à mulher, anjo/monstro, impõe incessante vaivém entre idealização e degradação. O código do amor romântico burguês prescrevia que a mulher devia ser angelical a um ponto que hoje nos faria sorrir. As mulheres não eram educadas para a vida, menos ainda para entender o sexo e as paixões, Délia denuncia em inúmeros textos. Um tabu pesava sobre a manifestação do desejo feminino e obrigava, murmurava-se, o amante à ‘assaltos’ sobre a presa que não sabia se entregar. O processo de maturação de uma jovem, e mais importante ainda, a relação entre os desejos de uma mulher e os imperativos da conduta correta, eram extremamente conflitantes na sociedade do Oitocentos.

Esta tensão é encenada pela personagem principal de *Duas irmãs*, demonstrando não só a ousadia da autora que desafiava convenções e abalava as raízes da tradição ao tratar do tema, mas principalmente como o sexo era uma corrente poderosa naquela sociedade hipócrita que por volta de 1880 começava a debater amor, casamento, igualdade. Bormann está imprimindo novos prismas às discussões, nega a estrutura familiar tradicional ao fazer a personagem principal não seguir a regra patriarcal da virgindade. O casamento, para Délia, e várias outras escritoras do XIX, permaneceu uma instituição suspeita porque baseada na subordinação da mulher.

Diana, a mais velha das irmãs, afirma, ao mesmo tempo, o desejo da mulher em busca de satisfação, a necessidade de independência e

a falta de recursos financeiros para isto. Ela desafia o pai dizendo-se disposta a ensinar, uma das poucas opções disponíveis, para poder viver longe da atmosfera daquele lar, porém ele nem mesmo reflete sobre essa proposta, sabe o que quer, quer convencê-la a se casar e o consegue impondo o matrimônio como condição para que ela possa continuar desfrutando a amizade da irmã caçula.

As relações fraternas, ao contrário das relações hierárquicas entre pais e filhos, são horizontais, isto é, relações entre iguais, entre seres em uma posição semelhante, sem assimetria. Apresentam várias ocasiões de parcerias como brincar junto, o prazer em pregar peças ou fazer desordem, a convivência frente à hierarquia vertical do poder despótico dos pais. A afeição fraterna permeia e impregna todos esses movimentos.

A filha mais velha, no século XIX, em geral carregava o fardo de em caso de ausência da mãe, substituí-la, guiar a mais nova pelos caminhos da vida. Corbin ressalta que o amor fraternal era forma fundamental de relacionamento afetivo e, no caso do romance de Délia, ele foi um sustentáculo para a sobrevivência das duas jovens naquele sufocante espaço doméstico destruidor que, através do forte vínculo entre elas adquire algum potencial regenerador.

Os nomes dessas personagens, detalhe que chama a atenção, referem ao pseudônimo da autora e ao nome de sua única irmã, Julieta. Diana, nessa trama, fora apelidada pela mãe Deia, deusa, e ambos os nomes sendo variante do pseudônimo de Maria Benedita Bormann, Délia. Todos esses termos, sobre os quais discorri em outro texto, são epítetos de Artemis na mitologia grega, Diana na romana. Artemis/Diana era a deusa da natureza indomada que

habitava paisagens selvagens, intocadas, era aquela que é plena em si mesma. Múltipla em suas manifestações, a caçadora era também protetora de tudo que é vulnerável. Os sentimentos a ela relacionados conotam decisão, vulnerabilidade, solicitude, mas também seu lado sombrio, raiva, instabilidade, crueldade. Essa descrição da deusa antiga cabe bem à personagem da mais velha das irmãs e a escolha do nome da personagem sugere certa realização própria, certa autonomia e um toque de brincadeira.

A outra irmã chama-se Julieta, nome da única irmã de Bormann na vida real. Outros elementos sugerem a inspiração familiar na moldagem das personagens deste romance. Não se deve, todavia, fazer elucubrações tentando ler no enredo a vida da autora; ela própria alertou inúmeras vezes contra essas explicações fáceis e fúteis porque indevidas. A irmã mais moça representa aqui a mulher inocente e ingênua e, ao mesmo tempo, uma potência criativa ainda não ativada.

Na trama do romance seu destino não propicia o desabrochar do novo, ou de algum talento próprio; há um desvio, ela acaba seguindo o modelo materno e torna-se esposa de um homem degenerado; um erro de julgamento que perpassa gerações de mulheres nessa sociedade, pois “a mulher quando estremece [se apaixona], empresta ao ente amado todas as virtudes e grandezas humanas, e funda nessas quimeras as suas esperanças e ilusões”, comenta a narradora.

Julieta, é tratada pelo marido como uma nova amante “cuja frescura e mocidade usou e abusou, saciando-se depressa e voltando aos antigos hábitos de jogador e dissoluto”. Julieta quer se divorciar, mas se o fizesse a lei não lhe permitiria ficar com a adorada filha,

então continua casada e a esperança de mudança das duas irmãs, mais uma vez é transferida para uma menina ainda pequena, para a geração seguinte.

O tema da crítica ao casamento, comum aos autores de então, se mostra diverso quando tratado por escritores ou por escritoras. No caso de Délia em algumas estórias ela sugere haver alternativas ou outras perspectivas para o casamento ou para a vida amorosa e sexual das mulheres. Em outros casos, como neste romance, não há alternativas. As duas irmãs se casam e ambas são muito infelizes. Dois casamentos aparentemente apropriados recebem sanção pública, mas por detrás das portas das casas dos maridos abrem-se espaços de equívocos irremediáveis, muitas lágrimas e sofrimentos.

Diana casa-se com um homem que seria considerado ideal para ela, pois era leal, generoso, elegante, culto. Deia poderia tê-lo amado, fossem outras as circunstâncias, pensa ela a princípio. Em verdade os dois se apaixonam um pelo outro, mas os preconceitos dele e dela são obstáculos intransponíveis, impedem que se amem ou que até a morte expressem seus sentimentos.

Logo após o casamento a moça se recusa aos abraços do esposo e narra suas desventuras, não deseja enganá-lo e se dispõe a ir embora. Ele lhe pede que continue sobre o mesmo teto, mantendo as aparências. Trancam a porta de comunicação entre os seus respectivos aposentos; a impossibilidade da realização do amor é imposta pelo passado da moça. Ele não a condena, mas também não a quer. Ela por seu lado, também não o condena por não querer viver maritalmente com ela, e não percebe que ele cultivava sentimentos positivos a seu respeito.

Diana/Deia assume seus atos, defende sua posição, mas é também a primeira a se punir por ter caído nas armadilhas da paixão: ela se exclui de qualquer convívio amoroso, e renuncia, a ponto de não a reconhecer, a felicidade. O caminho alternativo que propôs levar, uma vida solitária e independente, não foi aceito pelo pai ou pelo marido, e ela seguiu com sua vida de riqueza material em solo devastado e estéril. A porta de comunicação entre o seu quarto e o do marido, que poderia ser um local de trânsito para o amor, permaneceu trancada e cada um deles, em lados opostos do limiar, sofreu sozinho.

Diana então se depara com a possibilidade de mergulhar no estudo para se distrair. O marido tinha uma bela biblioteca e ela então decide aprender. A busca de conhecimento é o único caminho que pode trazer-lhe alegrias, distrai-la, alegrá-la e, por que não, dar-lhe prazer. Ela passa horas, dias, lendo e refletindo. Mulheres leitoras, mais ainda escritoras como Délia, não eram comuns; no geral as leituras para moças burguesas eram bastante controladas, limitavam-se mais das vezes a manuais de etiqueta, boa conduta, ou revistas de conselhos domésticos ou variedades.

A partir do século XVIII, as novas formas da burguesia desenvolver um tipo de sentimento e intensificá-lo, centraram-se na leitura que passou a significar desenvolver-se, identificar-se com as sensações que outra pessoa confiara ao papel e que ao mesmo tempo, poderia ser um meio de explorar e alargar os próprios horizontes. Ao mesmo tempo é configurada e estabelecida a suposta diferença na maneira de ler de homens e mulheres. A filosofia, as artes e as ciências são leituras deles, que sabem ser críticos e reflexivos. As mulheres além dos livros de boa conduta davam preferência,

pensava-se desde aquele mesmo século, a novelas ou romances de amor que liam sem a menor crítica; liam de modo emocional. Temia-se que essas leituras tivessem efeitos negativos sobre as leitoras.

Na segunda metade do século XIX a esta ansiedade em relação ao modo das mulheres lerem, agregou-se a discussão entre erudito e popular, e, nem é preciso lembrar, as leituras eruditas eram as que os homens faziam, as populares os romances preferidos das leitoras. Pode-se então dizer, com alguns estudiosos, que então ocorreu uma ‘remasculinização’ dos valores culturais que ostensivamente distanciou as leituras eruditas daquelas das mulheres, que de modo acrítico consumiam enredos sentimentais.

O exemplo da leitura acrítica e emocional das mulheres é Emma, personagem marcante do clássico de Gustave Flaubert, *Mme Bovary* (1857). Emma prefere livros marcadamente românticos, ou os que transcorrem em cenários exóticos, e atribui a eles um significado ideal de escape para um mundo melhor. Mas Emma Bovary não compreendia bem os textos, lia errado, misturava indevidamente literatura e vida, provocando sofrimento e desfortuno que acabam conduzindo-a ao suicídio. Em suas leituras, o valor estético é reduzido ao valor de uso emocional, a literatura estimula fantasias eróticas e sentimentais que dificilmente seriam encontrados no mundo. Os interesses de Emma Bovary não eram cognitivos nem intelectuais, ao invés estavam enraizados em valores sensuais. Foi este modo de ler que culturalmente se fixou como o modo de ler das mulheres.

A personagem do livro de Delia, ao contrário da do romance francês, lê criticamente e assim mostra ter percebido que a leitura lhe

daria a oportunidade de trocar a estreiteza de seu mundo doméstico e melancólico pelo espaço ilimitado do pensamento e do conhecimento. Aqui se mostra mais um paradoxo: o casamento forçado que o pai lhe arranjara acaba sendo a causa de sua libertação para estudar e criticar o posicionamento sociocultural dos homens de ciências e de letras de sua época. Diana também escapa, através do estudo, para um mundo melhor, mas o faz em busca de outros caminhos. Seus interesses são cognitivos e intelectuais. E, como se sabe, as “mulheres que leem se tornam perigosas”, para usar a frase/título do livro de Bollmann e Adler.

No decorrer do XIX, a formação progressiva de uma esfera íntima de hábitos de leitura desempenhou papel considerável. “A mulher que lê em silêncio conclui com o livro uma aliança que se subtrai do controle da sociedade e de seu meio ambiente imediato. Ela conquista um espaço de liberdade ao qual somente ela tem acesso”. A leitora perspicaz pode também adquirir o sentido de uma identidade autônoma que lhe permite forjar uma imagem própria do mundo que necessariamente não coincide com a dominante

Diana lia sobre vários assuntos, algo totalmente incomum. “Sofria [...] inquirira a si mesma e ao Deus, a quem adorara, por que tanto padecia; mas [...] Deus não lhe respondera”. Não obtendo consolo ou resposta na religião, a jovem mergulha então na ciência dos materialistas, na dos naturalistas e na de outros seus contemporâneos, supondo que a ciência teria o mesmo privilégio que as noções religiosas e talvez pudesse lhe oferecer a compreensão que buscava. Mas também aí não encontra respostas.

Deia fechava esses livros “com furor, como se quisesse esmagar com eles as ideias que encerravam, os homens que as haviam produzido e a angustia que a devorava”, escreve Délia no final do capítulo VII, indicando profundo discernimento a respeito dos saberes de sua época, que formavam uma cultura masculina totalmente inadequada às mulheres que buscassem uma linguagem que expressasse o que percebiam e que tornasse possível uma melhor compreensão do mundo. A tradição masculina dominante devia ser avaliada e reinterpretada de outra perspectiva, de uma perspectiva feminina.

Diana, ao não encontrar respostas na religião, na filosofia ou nas ciências, volta-se para a arte, para a ópera especialmente, pois ao fechar os olhos escutando as melodias, “criava um mundo imaginário, onde as almas belas se amavam livremente”, onde a paz e o entendimento se tornavam possíveis. Em *Duas Irmãs* a ópera que destaca é *A hebreia (La juive)*, espetáculo em cinco atos com libreto original de Eugenio Scribe e música de Fromental Halevy (1799-1862), que estreou na Ópera de Paris em 1836. Foi um dos trabalhos mais admirados e populares do século XIX; em 1919 o Eleazar desse enredo foi o último papel de Caruso antes de sua morte. E a ópera continuou a ser executada regularmente até os anos 1930; e novamente foi retomada a partir de 1999. Seu sucesso não se deve somente à apresentação de situações espetaculares, como o Concílio de Constância de 1414, mas especialmente pelo tema.

O enredo gira em torno do amor impossível entre um cristão e uma judia e foi tido como um apelo à tolerância religiosa, no mesmo espírito de outras óperas de então, como *Les Huguenotes*, de Meyerbeer, de 1835. Na época dessas composições a monarquia

francesa havia liberalizado práticas religiosas no país e o tópico da tolerância se tornou inflamado tema de debates e discussões. As críticas demonstram que os jornalistas respondiam ao liberalismo e ao perceptível anticlericalismo do texto de Scribe, mais do que ao tema específico do judeu; percebiam também que a ideia de vingança era o que nutria e fazia medrar a intolerância.

Ora, a intolerância permeia todo o romance de Délia; intolerância maior em relação às mulheres o que os preconceitos surgirem é a sociedade não contemplar em suas explicações o processo de maturação das jovens ou da relação entre os desejos de uma mulher e os imperativos de um comportamento adequado. Não atribui uma educação mais ampla para mulheres, o mesmo para os escravos, sendo a falta de informação a maior violência que se pode impor a grupos ou classes da população. A intolerância cria incompreensões, desentendimentos; cria abismos entre as pessoas causa muito sofrimento e desacertos.

A leitora Diana/Deia volta-se da ciência na direção da música e da lírica camoniana o que aponta para a busca de uma razão não ascética, que percorra outras veredas e outros afetos; uma razão experiente, um pensamento plural. O recurso a música e ao poema indica variações e mudança de escalas em algum padrão descontínuo, porém harmonioso. A teoria contemporânea, como, por exemplo, a de Braidotti, enfatizaria a experiência de discernimentos criativos engendrando modos alternativos de conhecer. Por isso, quando Délia não encontra respostas na ciência masculina que lhe é contemporânea e indica a arte como caminho possível de conhecimento, ela chega até nós, modernos, trazendo inquietações e indagações que ainda nos rodeiam.

Não tracei aqui um roteiro de leitura, transcrevi somente algumas anotações feitas à margem das várias lituras de *Duas Irmãs*, de Délia, escritora que com seu estilo seco e elegante, preciso e penetrante, induz sempre a outras sugestões e outras reflexões.

São Paulo, janeiro 2011.

REFERÊNCIAS

- ADLER, L.& BOLLMANN, S. *Les femmes qui lisent sont dangereuses*. Paris: Flammarion, 2ª ed., 2009.
- BRAIDOTTI, Rosi. *Transpositions*. Malden: Polity Press, 2006.
- CARVALHO, Vania C. de. *Gênero e Artefato*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.
- CORBIN, Alain. "Bastidores" in Michelle Perrot (org.) *História da Vida Privada 4*. São Paulo: Companhia das Letras, trad. Denise Bottmann e Bernardo Joffily, 1991.
- FELSKI, Rita. *The genre of modernity*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- FLAUBERT, Gustav. *Mme Bovary*. Porto Alegre: L&PM
- GILBERT, S e GUBAR, S. *Madwoman in the Attic*. New Heaven: Yale University Press, 1979.



I

Em um dia de fevereiro, quente e brilhante, um homem de 50 anos, forte e de feições acentuadas, achava-se em seu gabinete, passeando, agitado, nervoso, como quem deseja quebrar um obstáculo ou empreender uma luta.

Sua enérgica fisionomia, dominada pela apreensão de próxima resistência, tornara-se sombria.

A natureza sanguínea e imperiosa transparecia-lhe nos olhares duros, nos gestos convulsivos, na celeridade do andar.

Nascera para déspota, não o podia ser inteiramente e isso o torturava.

De repente, como quem toma uma decisão, tocou violentamente a campainha: um fâmulo acudiu.

- Previna á Deia que a estou chamando! disse com os dentes cerrados.

Passou, então, a mão pela fronte, procurou compor o semblante e sentou-se, mais serenos, diante da secretária.. .

Pouco esperou; o reposteiro ergueu-se, dando passagem á uma

criatura, elegante, pálida, altiva: um desses seres, que se isolam, que se sustentam nos transe da vida, rejeitando consolos banais e lágrimas, impotentes.

Entrou, sem temor, envolta nas dobras do *peignoir* de cambraia, soberana como verdadeira rainha, bela, radiante, no frescor de suas vinte primaveras.

Com voz grave, triste e contraltina, disse:

- Meu pai, aqui estou

- Sente-se, disse ele asperamente, designando-lhe uma cadeira; - temos que conversar.

A moça fitou-lhe o olhar profundo, viu-lhe a críspação da face, adivinhou o que lhe ia dizer, corou de leve e cruzou os braços, esperando acusação ou sentença.

- Sei que se desmandou, que esqueceu seus deveres, perdendo-se, loucamente, com seu primo Jorge, um miserável, além de toleirão, que abriguei em meu teto e a quem protegi! Julga, porém, que consentirei nesse casamento?

- Meu pai, perdão!... Aliás, Jorge promete reparar a nossa falta!

- Não casará: o seu pérfido sedutor, que eduquei, gastando tanto dinheiro, o é ainda mais. Você não é feia, pode e deve fazer melhor escolha e tenho alguém em vista. Cabe-me o direito de ser severo pela sua conduta. Fecho, porém, os olhos e procuro melhorar-lhe a sorte; já vê que deve obedecer ou será muito ingrata!

Casarei com Jorge... porque... nos amamos e porque só a ele

poderei pertencer! disse ela, com ímpeto.

- Mas se desistisse, por ser mais ajuizado que você, por compreender que, duas pobreza não se unem, para não cortar seu futuro? disse o pai com pérfida doçura.

- Ele?! Exclamou a moça; - impossível!

- É a verdade, disse o pai, quase triunfante; daqui a pouco, ele lhe dirá isso mesmo.

-Jorge ?... quero vê-lo, já! O senhor me ilude! Murmurou ela lívida.

O pai tocou o tímpano e mandou chamar o sobrinho.

Ergueu-se ela, apoiou, sem calor, sem luz, os braços no espaldar da cadeira, vivendo pelos olhos e pelo ouvido.

Perturbado, confuso, entrou Jorge, sem olhar para a moça, que procurava tudo lhe adivinhar no rosto.

Dor medonha, sensação de ferro em brasa mordeu-a no coração: começava a duvidar do amor desse homem a quem tudo sacrificara: a experimentar essa primeira decepção, essa primeira ferida, que não cicatriza nunca, reabre todas as vezes que a alma sofre novo embate e distila amargo vírus, que envenena as mais leves, alfinetadas.

Adiantando-se ao pai; interpelou, em tom vibrante ao primo:

- Jorge, concorda com, meu pai,- não quer casar comigo?

Empalideceu o moço; corou e balbuciou:

- Sim, meu tio tem razão, somos pobres, eu não a cercaria do bem-estar que merece... Pode ainda fazer um bom casamento e estimo-a bastante para desejar a sua felicidade, e não a estorvar.

Vendo que a moça não o interrompia, criou alguma coragem e prosseguiu, com mais calor:

- Esqueçamos o passado.... foram criancadas. Quanto á minha indiscrição, nada receie, poderá viver tranquila e respeitada: querer-lhe-ei como a uma irmã.

Enquanto ele falava, sentia Deia a razão vacilar no cérebro.

Seria sonho ou realidade? Pois aquele ente desprezível, egoísta e que, sem duvida, mirava algum interesse, fora o homem a quem votara afeição fraterna, afeição, que se fundira lentamente em sentimento ardente e avassalador ?

Quisera estar sonhando e, baixinho, como sob a ação de atroz pesadelo, seu coração bradava, trêmulo - meu Deus, faze-me despertar!

Era verdade: ante si, tinha a vil palidez do amante, sem afeto, sem decoro, sem generosidade; do homem que a desonrara, seduzido pela sua beleza,deixando-a, depois, inútil, despedaçada!

Fugira, como indigno ladrão que, ao roubar cintilantes pedras, esquece no pó da estrada o mimoso escrínio, que as guardava.

Era verdade: o abjeto pai quase sorria, regozijando-se com a sua angústia, em bárbara volúpia bebendo as lágrimas amargas do seu doido coração, vendo, mentalmente, o desmoronamento de todas as

suas ilusões e esperanças!

Fustigaram-na, como um látego a baixeza de um e o sarcasmo do outro: a altivez sufocou a dor.

Com a face marmórea e os negros olhos tempestuosos, dirigiu-se ao primo:

- O senhor é um miserável! nunca mais.... nunca mais, ouviu! me dirija a palavra, morri para o senhor, ou então morreu para mim; eu o desprezo!

Empalideceu o moço: compreendera quanto merecia aquela despedida e sentia uma espécie de pesar: habituara-se á grandeza daquela alma, que o repudiava, depois de o haver acariciado tanto tempo!

Curvou a fronte e saiu.

Deu ela rapidamente costas à essa porta, por onde desaparecia o seu passado e, cruzando o olhar com o do pai, como lâmina, de florete, disse serena, embora com lágrimas nos cílios:

Estou convencida; o que mais deseja?

- Firmar o seu futuro. Você conhece Maurício Barreto, um homem interessante, uma bela fortuna; pediu-a em casamento e eu o quero, o que, diz?

- Recuso! respondeu a moça, escandalizada.

- Não o acha digno de si? Inquiriu o pai com ironia.

- Pelo contrário; indigno-me com a ideia de o iludir. Se me apresentasse um homem, como tantos que há por aí, talvez, eu o aceitasse; porém o Maurício é melhor que os outros.

- Mas é ele que me convém por mil razões. Você há de casar, do contrário separá-la-ei de Julieta, contar-lhe-ei a sua falta, e verá a existência que lhe criarei!...Sabe, aliás, para quanto presto

Daqui há um ano, serei maior, poderei suportar este inferno até lá e depois me emanciparei....

- Sim, viverá, quem sabe como?

- Não! mas ensinarei o que aprendi e viverei, sem a sua presença, longe desta atmosfera maldita, respondeu ela, com desespero.

- Há de casar, digo-lhe, ainda que seja preciso empregar a força.... e caminhou para ela, hediondo, convulso.

Fulvo lampejo passou, pelos olhos da moça, um desses lívidos clarões, em que a dignidade humana se confunde com o instinto do crime, em vulcânica erupção da alma.

A febre de suas pupilas magnetizou a brutalidade do adversário.

Ergueu ela, mais altivamente a fronte contraída e ele deixou decair o braço ameaçador.

Afastaram-se, olharam-se de longe e a filha disse, com sarcasmo:

- Refleti e aceito; Maurício ou outro qualquer é sempre o mesmo, a infâmia não tem gradação, é ou não é! A minha será imposta pela sua vontade... Aceito-a, por zombaria, nojo, tédio pelo mundo e

pelos homens, que nada valem aos meus olhos!...Mas, sobretudo, sufoco a minha dignidade pela ameaça de me separar de Julieta e perder-me em seu conceito!...O senhor bem sabia em que ponto sensível tocava, ameaçando-me!...Deixe-me, ao menos, naquele coração viver pura e santamente!

- Bem, murmurou o pai, com voz rouca, - tomou juízo, vivera feliz e há de me agradecer um dia!

Mas peço-lhe um favor, isto é, suplico-lhe que me diga a verdade... quem lhe revelou a minha desgraça? inquiriu a moça.

- Sua madrasta, que se interessa por você e que me obrigou a ser indulgente; sua madrasta, cujo afeto você não reconhece.

Indefinível sorriso passou mais pelos olhos do que pelos lábios de Deia, percebeu-o o pai e acrescentou:

- Duvida? Ah! não lhe perdoa ter vindo ocupar o lugar de sua mãe...

- Cale-se, não fale, hoje, em minha mãe! bradou a moça, fremente, dardejando um olhar de fogo.

Com voz afetadamente calma, perguntou o pai:

- Darei, então, a Maurício resposta satisfatória? Considere-se, nesse caso, noiva, desde já.

Fez ela um sinal de sombrio assentimento e saiu.

O pai respirou mais desassombradamente.



II

Vinte anos antes, esse pai tirano era, então, moço, nem bonito, nem feio, primeiro escrivão da alfândega da Corte, com aspirações a conferente, pondo em jogo mil empenhos e combinações para alcançar o seu *desideratum*, que, algum tempo depois, conseguira.

Tinha trinta anos, boa saúde e alguns, conhecimentos superficiais sobre as graves questões daquela época, conversava e dançava bem, não contraía dívidas, nem dava escândalos.

Em matéria matrimonial, podia ser reputado em conta de *bom partido*.

Também os papás de filhas disponíveis lhe adejavam em torno, em ridículas zumbaias e Carlos de Araújo vi-se realmente embaraçado em escolher a *soirée*, que devia honrar com sua presença, tal a profusão de convites.

Passava, em suma, agradavelmente a vida.

Uma feita, porém, julgando azada a ocasião para casar, passou em revista todas as suas conhecidas e a imagem de uma só apagou a lembrança de qualquer outra, e escaldou-lhe o sangue.

Fora Amélia Ruiz a preferida: de origem espanhola, era alva, risonha, viva, sorrindo na cintilação dos negros olhos, elegante, bem contornada, e de meneios provocantes, realçados por voluptuosa ondulação no andar.

Ela amou, com a ternura da sua natureza apaixonada e ativa, ao passo que era desejada por ele, com a impetuosidade de um temperamento sanguíneo e brutal, centauro a querer a posse de uma sáfide.

Na intimidade, Amélia cedo compreendeu que o marido a apreciava tanto quanto às atrizes e *cocottes*: dela só queria gozar a beleza, desconhecendo todas as delicadezas do seu coração, mostrando-se grosseiro, banal, indigno enfim dos extremos dessa mulher, gentil, amante, e, prematuramente, grave.

Sentindo-se mãe, exultou de alegria.

Consagrou-se ao pequenino ser que trouxera em si: beijou a filha, chamo-a Diana e esqueceu ao seu tépido contato as decepções do casamento.

Dois anos depois, outra rolinha veio juntar-se á primeira e com elas dividiu seus sorrisos e carícias.

Diana e Julieta eram o seu horizonte, a sua alegria, e o seu consolo.

Embalando-as, vendo-as rolar, róseas e alegres, pelo tapete, sorria docemente, bendizendo-as e tecendo em sua pura imaginação um ameno futuro para esses querubins, que o céu lhe confiara.

Amou-as com o instinto materno, com o ardor de imensa ternura refeeda, com todos os ímpetos de sua juventude.

Amava-as igualmente: enquanto amamentava uma, afagava os cabelos da outra, falando-lhe, aguçando-lhe a curiosidade, despertando-lhe a inteligência.

Um dia, banhando Diana, com a paciência e alegria que sentia em tratá-las, enxugou-a, enfiou-lhe a camisinha rendada, cheirando a jasmim, e colocou-a no alto de um móvel, sobre almofadas, voltando-se a ocupar-se com a outra.

Era meio dia, a claridade enchia o aposento, iluminando a gentil miniatura, ofuscando-a mesmo, pois Diana franzira o sobrolho, brincando com os botões de seus sapatinhos.

Olhou-a a mãe, dirigindo-lhe uma pergunta, e ficou-se, surpresa, encantada pela graça senhoril daquele entezinho:

- Oh! meu anjo! minha Deia, é assim que te chamarei, ouviste, Deia, Diana?!

Enviando-lhe um beijo na ponta dos dedos, Deia lhe sorriu, imitando assim o gesto que a mãe fazia muitas vezes. Daí em diante, tomou esse nome que bem lhe quadraria.

Amélia as viu crescer, sadias, meigas, dóceis, cedo lhes ensinou a ler, amenizando com beijos e promessas o tédio desses primeiros ensaios; eram inteligentes, queriam agradecer-lhe, por isso aprenderam depressa.

Sensata, instruída, guiou-as até certa idade; então, chamou

professores, assistindo às lições, interessando-se por tudo, premiando-as, quando mereciam, zangando-se ao faltarem a qualquer dever.

Não ia aos teatros e divertimentos, sem primeiro as fazer estudar. Antes de adormecê-las, ouvia-lhes as orações que lhes ensinava, elevando-lhes a alma às puras e doces regiões da fé.

E era moça bonita, desiludida e cortejada!

Ao voltar dos teatros e das reuniões, fatigada, esquecendo as palavras sedutoras e ardentes, que, por ventura lhe haviam dirigido, encaminhava-se, para o aposento das filhas e contemplava-lhes o tranqüilo sono, semelhante ao que dormira, em sua infância.

Sentia-se, então, leve, calma e, unia as mãos, murmurando:

- Meu Deus, deixai-as dormir sempre assim!

Santa criatura! as duas imaculadas rolas lhe enchiam a vida, apagavam a imagem do indigno marido, livravam-na do desespero e salvaguardavam-na do mal!

Desprendiam-na da terra, elevando-a acima do paul¹, esses frágeis bracinhos roliços. Cadeia de carinhoso arminho!

Carlos de Araújo respeitava essa idolatria materna, e, por vaidade, não fazia observações sobre a educação das filhas, cujos professores pagava de boa vontade.

Bem depressa as meninas compreenderam o que havia entre os

¹ Pântano.

pais: de um lado resignação, do outro grosseria: adoraram a mãe e sentiram afastamento pelo pai.

Amélia leu-lhes n'alma, apertou-as ao dorido seio, procurando atenuar a má impressão que haviam recebido.

Foi, inútil, elas sorriam ao pai, somente, quando o viam menos rude para com a mãe.

Atacada de uma afecção pulmonar, Amélia chamou o medico, e seguiu escrupulosamente o que este lhe prescrevera, temendo deixar as filhas, em tão tenra idade.

Junto á elas enclausurou-se, gozando de suas presenças, deleitando-se com seus sorrisos e carinhos, despedindo-se a todo momento desses pedacinhos do seu ser.

Vendo-a abatida, a murchar lentamente, fugindo aos seus bestiais transportes, Carlos recrescia de irritação contra a mísera e a maltratou-a ainda mais.

Para que escrúpulos com a mulher inútil, que se finava!

Com a perspicácia das crianças que assistem, desde muito cedo, aos tristes dramas domésticos, as meninas, que adivinharam intuitivamente a brutalidade paterna, sofriam agora ainda mais e de modo diverso.

Deia lançava ao pai um olhar repleto de indignação, Julieta chorava em silêncio; ambas acercavam-se na mãe, como para a protegerem.

Durante três anos, Amélia lhes deu o exemplo ela maior

resignação e ternura: nunca seus lábios murmuraram uma queixa contra o marido.

As filhas de sua alma, porém, liam-lhe os pesares no brando coração amargurado e, ao algoz dessa adorada vítima, não perdoavam.

Mantinhm-se junto ao leito da moribunda, sempre solícitas, ouvindo-lhe os conselhos, gravando-os no espírito, beijando-a e enxugando-lhe as lágrimas.

E, quando o frio mortal, para sempre enregelou aqueles carinhosos braços, que as haviam embalado, ergueram as fronte febris e, no auge do desespero, cerraram-lhe as pálpebras, uniram-lhe as mãos, mas sem pavor, nem pueril receio do contacto da morte.

Tinha Deia quatorze anos e Julieta doze, mas a dor lhes dera a gravidade de outra idade, fazendo-as padecer, recordar-se e refletir.

Velaram a querida mãe, contemplaram-na quanto possível, beijaram-na loucamente e viram-na partir, encerrada naquele caixão luxuoso, estreito, de onde não sairia mais.

Então, sentiram-se, verdadeiramente, sós, sem ninguém!



III

Tomou Deia o governo da casa, continuando a instruir-se e cuidando na irmã; estudavam com o mesmo ardor de outrora, pois sabiam que assim satisfaziam os desejos da mãe: bastava-lhes essa iDeia para incentivo.

Durante três anos, viveram em completa liberdade, tranquilas, felizes por se verem juntas, e consagrando a mesma afeição fraterna a Jorge, sobrinho de seu pai, sob cuja tutela se achava, de há muito.

Desfrutava Carlos a sua viuvez, indo aos teatros, às ceias orgiásticas, voltando tarde para casa, sem escrúpulos, perfeitamente feliz, alegre, bem disposto.

Parecia haver renunciado a novo consórcio, o que muito agradava às filhas.

Um belo dia, porém, lembrou-se de frequentar casas de família, indo por si mesmo cair nessas ratoeiras sempre prontas para apanhar incautos.

Sentiu-se preso, aos quarenta e oito anos, pelos olhos faiscantes de uma morena de vinte anos, ardente, endemoninhada, que deveras o enfeitiçou.

Viram bem as filhas a insensatez do pai, calaram-se, porém, e receberam sem entusiasmo e com muitas prevenções essa madrastra, quase tão jovem como elas.

A esse tempo foi que Jorge, se apaixonou por Deia e que esta, ao calor dos seus protestos, ouviu o despertar do coração, palpitante ao apelo do amor, sorrindo-lhes Julieta, meigamente, como um raio de esperança. .

À madrastra cometeu Deia o governo da casa: Ester, a sorrir, apoderou-se da administração doméstica, como se apoderara do marido.

Opondo-lhe as enteadas, serenas e atenciosas, a reserva de suprema antipatia, adivinhou-lhes ela os sentimentos, odiou-as e tratou de as desterrar completamente do túbio coração do pai.

Conseguiu-o com os artifícios de mulher má e vingativa, bela, ardente, dominando até á cegueira o homem libidinoso, a quem se unira, e que via e pensava conforme ela queria.

Com a sua maligna perspicácia, notou o amor de Jorge e Deia; fingiu não o perceber, e até deixou-o atear-se, proporcionando-lhes longos colóquios.

Sucedeu, então, o que esperava: a mocidade venceu todos os receios e a infeliz moça foi seduzida.

Tendo certeza desse resultado, conhecendo a ambição do marido quanto aos futuros genros, enamorada de Jorge e querendo vingar-se da repulsão das enteadas, revelou a Carlos a falta de Deia, induzindo-o a perdoar-lhe, a demonstrar a Jorge, a loucura de uma

união entre dois entes pobres e a aproveitar o ensejo de satisfazer o pedido de Maurício Barreto.

Jorge, fraco, sem caráter, *digno sobrinho de seu tio*, achou muito acertadas as observações de Carlos; concordou, com tudo, visto poder assim se livrar da responsabilidade; e já que o pai fechava os olhos, para que ter mais escrúpulos?

Demais, aparecia-lhe Ester, tão formosa, tão provocante!...

Saberia compensá-lo bem da forçosa perda de Deia; quanto, ao despeito desta, via-o em breve desvanecido, pois, casar com um belo moço e desfrutar uma fortuna, não lhe pareceria nenhum exílio na Sibéria!

De dedução em dedução, chegava, às vezes, a persuadir-se de que contribuiria para a prosperidade da prima: tal era a lógica dos depravados!

Tinha vinte cinco anos esse *previdente* rapaz, uma constituição robusta e uma consciência endurecida ou encouraçada.

Despachante da alfândega, trabalhava, porque precisava do dinheiro para satisfazer seus vícios: do contrário, viveria em absoluta ociosidade.

Como pudera, Deia, essa alma fidalga, amar a semelhante néscio?

Misérias do coração! indignidades inconscientes !

A mulher, quando estremece, empresta ao ente amado todas as virtudes e grandezas humanas, e funda nessas quimeras as suas esperanças e ilusões.

Ao despertar, ferida pelo ingrato, não só lhe desapareceram essas belas qualidades imaginárias, como também a entidade, que as personificava; fica unicamente a sensação de imenso vácuo no dorido peito.

Acabando de falar á filha, do modo porque ficou narrado no primeiro capítulo, foi Carlos ter com a mulher e tudo lhe contou.

Exultou ela de contentamento, pois temia a relutância da enteada; sempre risonha, saboreou, de antemão, as torturas da mísera donzela.

Trôpega, aniquilada, entrara Deia em seu aposento: Julieta bordava junto á janela; voltou-se ao vê-la e estremeceu.

- Deia, o que tens? perguntou ela, assustada, o que houve? que palidez !

Sentou-se a outra ao seu lado, e, com voz surda e os olhos secos, disse:

- O que há? querem que eu case com Maurício Barreto !

- Como? e Jorge que te ama, não se opõe ?

- Ele é um infame, concorda na insensatez de unirmos as nossas pobreza!... recusei primeiro aceitar Maurício, mas depois... meu pai ameaçou-me e, cansada, enojada, aceitei!... serei rica, serei feliz!

E um começo de gargalhada estridula terminou o amargo desabafo.

Ante ela ajoelhou-se Julieta, beijando-lhe as mãos geladas e

olhando-a com idolatria, por entre silenciosas lágrimas.

- Oh! pobre Deia! aquele miserável, a quem eu quis como a um irmão!... Como o odiarei, doravante! Quanto padeceria, meu anjo! Mas, quem sabe? Mauricio é tão nobre... Talvez te compreenda, ele que te amou por ti mesma, visto sermos pobres! Olha, minha santa, sinto uma voz íntima dizer-me que ele é bom, Deia!

Passava a moça os dedos pelos cabelos da irmã, que meiga, angélica, a consolava assim; tinha o rosto lívido, o olhar morto; a dor rugia-lhe no peito, apertando-lhe o coração em indizível angústia.

Sabia Julieta que Jorge, amara a irmã, mas ignorava sua desonra: Deia lha ocultara por natural sentimento de pudor, temendo turvar a limpidez daquela alma, onde a sua tantas vezes se espelhara.

Formavam um grupo admirável: Deia, pálida, com os negros cabelos revoltos, o fulgor do olhar entristecido, a boca crispada, sobraçava o busto flexível e sinuoso de Julieta, alva, tépida, súplice, suavizando com a doçura da sua piedade fraterna, o acerbo desespero da irmã.

As lágrimas de Julieta umedeceram a aridez daquele descabro e Deia afinal chorou.

Chorou copiosamente sobre aquela cabeça graciosa, poética, ninho de douradas ilusões; embebeu-lhe os cabelos com o amargurado pranto; ignorando o contágio fatal das grandes desventuras, inoculando-lhe assim o fermento de inconcebíveis dores.

Chorou muito, afastou depois a irmã, beijou-a, com frenesi, nos

olhos, na boca, no colo, dizendo:

- Nunca mais chorarei, Julieta!

Ergueu-se, banhou o rosto, tornou a pentear-se, vestiu-se, e, serena, mostrou-se ao jantar.

À noite, apresentou-se Mauricio, e dirigindo-se a Deia, disse comovido :

- Agradeço-lhe a felicidade que me dá e provar-lhe-ei minha gratidão, toda a vida!

A moça corou e teve ímpetos de tudo revelar a Mauricio; mas a lembrança de Julieta lhe cerrou os lábios: tentando, então, sorrir, enleou-se e cumprimentou o noivo.



IV

Daí há três meses é que o casamento se devia realizar, em maio, na estação das rosas e dos amores.

Durante esse tempo de espera, mostrou-se Deia cortês, amável, ouvindo com atenção a conversa do noivo, sempre instrutiva e agradável.

Todos os dias lhe enviava ele um mimo, uma lembrança, uma prova de que nela pensava.

A moça tristemente recebia esses dons, que a faziam violentar-se ainda mais.

Era Mauricio filho único de abastado negociante; formara-se na faculdade de S. Paulo, viajara muito pela Europa, instruindo-se sempre e desfrutando o que a sua fortuna lhe proporcionava.

Voltou ao Brasil, perdeu o pai e tendo recebido a herança entrou na administração de seus bens, passando a viver de suas rendas.

Chegara aos trinta anos, tendo gozado sabiamente de tudo, conservado o coração ileso, e recusado unir-se a mulheres que lhe indicaram para consortes, e a quem não amava.

Foi Deia o seu primeiro amor, e nele expandiu todo o ardor do seu natural concentrado.

Era o homem talhado para aquela mulher: caráter leal, reto, generoso, aureolado por distinta aparência, maneiras irrepreensíveis e fisionomia varonilmente bela.

Alto, musculoso, elegante, olhos vivos e negros, cabelos escuros, franco sorriso, fino bigode sedoso, queixo forte, denotando pertinácia, mãos e pés pequenos.

Deia o teria amado, se o houvesse conhecido antes da catástrofe, que despedaçara sua vida e ilusões.

Dir-se-ia nascidos um para o outro; suas almas gêmeas se teriam fundido em doce enlace... mas há na vida duras fatalidades, que tudo separam e despedaçam!

Quisera Mauricio vê-la mais expansiva, perceber um lampejo de ternura, um arroubo feminino naqueles olhos profundos; de tudo porém se consolava, tudo esquecia ao contemplar-lhe a misteriosa e tocante beleza.

Além disso, demasiado a amava: seu infinito afeto emprestava á moça uma reciprocidade imaginária, que lhe parecia abafada pela natural reserva dela e pela presença de Ester.

Efetivamente, a madrasta estava sempre á sala, temendo a revolta da sua vítima. Inútil receio! Deia manteria sua palavra, afrontaria o desconhecido, obedecendo apenas aos ímpetos de sua natureza, seguindo, cegamente, o que lhe dissesse a reta consciência.

Raiou o dia 3 de maio, esplêndido de sol, de frescura e azul: a natureza sorria nas flores, no ar, na luz: na atmosfera corria magnético fluido, predispondo ao bem, ao riso, ao amor.

Deia acordou cedo e desceu ao jardim; passeou lentamente pelas alamedas, ouvindo, distraída, o chilrar dos passarinhos : pensava na mãe e na infância.

Como tudo passara tão rápido deixando-lhe viva saudade!... se a mãe vivesse, quão diverso seria o seu futuro! . . . quão diverso fora o seu passado!

Sentou-se nos bancos rústicos, onde tanta vez cismara em suas ilusões de moça; divagou pálida, serena, sem lágrimas, sem que o adorável rosto traísse seus pesares!

Voltou ao quarto, quando Julieta despertava, dando-lhe o primeiro sorriso: abraçou-a longamente, espalhando sobre ela as flores que maquinalmente colhera.

- Á tarde, efetuou-se o casamento: muitos carros, muita gente á porta da igreja.

Lembrou-se o padre de fazer uma prédica, louvando a grandeza do matrimônio, seus *doces* deveres e suas *incalculáveis* compensações.

Linguagem vulgar, assunto abstruso, tibia convicção: causava sono e tédio aos náufragos do dito sacramento, embalava as ilusões das meninas casadoiras, servia de zombaria aos rapazes saturados de *can-cans* e obrigava alguns chefes de família á uma atitude

ridiculamente hipócrita.

No dizer do bom do padre, o casamento era a síntese da bem-aventurança!

Parodiemos a frase Jesus:

- Perdoai-lhe, Senhor, não sabia o que dizia!

Era padre, estava livre dessa medonha conscrição, mais desastrosa, em seus resultados, do que a guerra, onde, aliás, se perde um braço, uma perna e mesmo a vida!

Suportando os convencionais abraços, Deia chegou até a madrastra, que, tentando enlaçá-la, encontrou no braço da enteada uma rigidez que a obrigou afastar-se recebendo apenas um forte e nervoso aperto de mão com o qual a moça quisera poder despedaçar o seu destino e a mulher que o criara.

Chegando á casa as convidadas solteiras reclamaram cravos e flores de laranja; Deia lhas deu em profusão.

Mais tarde, pedindo-lhe Julieta um botão a queixar-se de ter sido esquecida, empalideceu Deia e disse, com certa impaciência, chegando-a vivamente ao seio:

- Não! não te quero dar o que dei à todas! toma meus beijos! - e beijou-a, com frenesi.

Estremeceu Julieta, sem saber por que, e meigamente sorriu áquela irmã, tão linda, á quem obedecia sempre, sem replicar.



V

Às onze e meia, Deia e Mauricio desapareceram.

Passando indiferente pelas salas bem adornadas e pelos aposentos magníficos, a moça ao entrar no *boudoir*, feito de seda, dourados e tapetes, despediu a criada e deixou-se cair no divã.

Volveu o olhar em torno: tudo lhe parecia festejá-la em carinhosa saudação; a ternura e o apurado gosto de Mauricio transpiravam naquele encanador *retiro*.

Que infinda tristeza lhe conturbou o ânimo! Curvou um minuto a fronte, mas ergue-a, de repente, pôs-se de pé, tirou a grinalda e o véu, lançou-os sobre um móvel, olhou-se ao espelho e espantou-se pelo demudamento² de seu rosto.

Ouvindo passos, encostou-se à escrivaninha de charão dourado: assomou à porta Mauricio, belo, transfigurado, com a sublime palidez das supremas emoções; e sorrindo, adiantou-se, tomou-lhe as gélidas mãos, tentando conchegá-la a si e beijá-la.

² Alteração, transformação.

Receu a moça espavorida, com o olhar incendiado³: Mauricio assombrou-se e sentiu o coração triturado.

Não era aquele gesto resultado de exagerado pudor, mas de patente repulsão; então, compreendeu a frieza que ela sempre lhe mostrara e a violência com que o afastara no carro, queixando-se de falta de ar, quando lhe tentara dar o primeiro beijo.

Ao mísero parecia que o soalho lhe fugia sob os pés; julgava-se vítima de cruel pesadelo, mas reagindo contra a angústia, que o pungia, disse:

- Causo-lhe aversão, Deia?

- Não, respondeu ela, mas tive horror de mim mesma, ao seu contato!...Ouça-me, julgue...e condene-me!

E não podendo suster-se, sentou-se, convidando-o com o gesto a fazer o mesmo. Depois, trêmula, altiva, com dolorosa expressão, disse, apertando as mãos:

- Enquanto viveu minha mãe, fui feliz: felicidade agridoce, pois vi, bem cedo, que a pobre só nas filhas achava a ventura, que a sorte lhe negara! Perdi-a!...Há três anos, casou-se meu pai com a mulher que o domina, apagando-nos completamente no seu coração, onde, aliás, mal havíamos conseguido entrar.

Sem mãe, moça, amei... e o homem, a quem distingui, abusou do meu amor! Soube meu pai de tudo; ainda assim ordenou-me que o desposasse, Mauricio, porque também era pobre o ente que me

³ Ardente;cor de fogo, rubro;exaltado.

desonrara, e, no entender de meu pai, não se unem duas pobreza!...Indignada, recusei, dizendo-lhe que não poderia casar com outro, mas zombou, declarando que era muito ajuizado o meu sedutor, pois concordava em que me devia casar com a fortuna de alguém!...

Pode calcular como me dilacerei à vista de tantas baixeiras! Demais, ameaçava meu pai atormentar-me, separar-me de Julieta, que é meu único afeto no mundo, e perder-me em seu conceito!.... Sabia muito bem em que ponto tocava e quanto me consumia!.... Impaciente, chegou a levantar a mão para me bater; sublevei-me então, louca de dor, indignação, e desespero, e consenti em casar, Mauricio!....Foi talvez uma infâmia, mas lava-me a consciência esta triste lealdade, que me leva a rebaixar-me dizendo-lhe que não sou a mulher pura, que julgava desposar! Pronta estou a sair do seu teto para viver parcamente, lecionando em qualquer província, onde ninguém me conheça! Não voltarei à casa paterna, isso nunca!.... Diga-me o que devo fazer, consente que me retire?

A gotejar de angústia ouvira Mauricio aquela voz adorada rasgar-lhe as carnes e trucidar-lhe a alma, matando-lhe todas as ilusões e afastando-o para sempre da ventura, que sonhara!

Por que o esmagara aquela horrível desgraça, a ele, que sempre leal e humano fora?

Sofria seu amor próprio ludibriado pelo sogro que não trepidara em vender a filha, apesar de lhe conhecer a falta; e tinha ímpetos de despedaçar o crânio do infame com um tiro.

Confrangia-se-lhe, porém, o coração, calculando o que deveria ter

padecido essa criatura, bela, ativa e nobre, que não temera afrontar a sua cólera, confessando-lhe a desonra, e que queria viver pelo trabalho, quando se poderia tornar cúmplice do pai e desfrutar grande fortuna.

Via-a pobre, pálida, maltrapilha, formosa, exposta à dor, à miséria e à prostituição; combaliu-se de atroz sofrimento e experimentou dó entranhável e louco ciúme dessa mulher, em quem jamais pretendia tocar, mas que amara santamente.

Com os olhos febris, a boca seca e um tom soturno e firme, disse-lhe:

- Deia, continuará sob este teto; será mulher daquele a quem aceitou, por despeito, raiva e....

Vendo um gesto impetuoso da moça, acrescentou:

- Nada receie, será minha mulher, em nome somente; salvaremos as aparências; terá toda liberdade nesta casa.

Aproximando-se de um reposteiro, continuou:

- Esta porta põe em comunicação os nossos aposentos, a chave fincará do seu lado, feche-a para sempre....Até amanhã, senhora!

Depois da saída do marido, surpresa, convulsa, humilhada, não sabia Deia o que pensar: sofreria aquele homem de modo medonho? amava-a extremamente? levava a delicadeza ao ponto de sufocar as mais justas exprobrações de sua cólera e decepção? ou era simplesmente um ente perverso a meditar tremenda vingança?

Cruzavam-se tais perguntas no cérebro da mísera, martirizando-

a, e fazendo-a corar e descorar simultaneamente.

Daria a vida inteira, naquele momento, para adivinhar o que ele sentia e pensava.

Levantava-se, passava junto à porta de comunicação, dava volta à chave, recuava, percorria o aposento em todos os sentidos e caía no divã, de quando em quando, com as pernas frouxas, sem ideias, abstrata, murmurando ininteligíveis palavras.

Ao clarear do dia, sentiu frio intenso, os dentes batiam; rapidamente despiu o vestido de cetim, amarrotado, fanado como o seu destino, vestiu a roupa de dormir e penetrou na alcova nupcial.

Ia trôpega, cobiçando o leito, exausta, sem reparar no mimo desse ninho, que a esperava.

Com as pálpebras a cerrar-se, deitou-se e adormeceu profundamente.



VI

Padeceu Mauricio de modo dolorissimo. Teve alucinações, raiva, aflição profunda: chorou toda sua mocidade esvaecida; viu romper o dia, sem um minuto de repouso, sem a mínima esperança de consolo.

Resolveu vingar-se do homem que causara sua desdita; procurou adivinhá-lo com a intuição do ódio; e sempre a imagem de Jorge se lhe apresentava ao atribulado espírito, no fim de mil combinações, onde aliás entravam personagens estranhos!

Sim! era ele! sentia-o no furor que o acometia ao pronunciar-lhe o nome e nessa incompreensível teima do pensamento, aclarando vários incidentes a que até então, não ligara importância.

Fora a ele que Deia lançara, um dia, um olhar de indefinível desprezo, forçando-o a sair da sala, onde conversava com diversas moças.

À igreja, depois do casamento, passara ela diante do primo, sem lhe estender a mão: e Mauricio lera na confusão daquela dúbia fisionomia o segredo de muitas vilanias.

De que modo se deveria, pois, vingar?

À sua bizarria só o duelo se apresentava, mas no Brasil ninguém se bate, e, embora o tentasse, legalizando, quanto possível, a morte dos combatentes por uma declaração escrita em mútua convenção, o que lucraria com isso o ofendido?

Se matasse a Jorge, não teria por isso o amor de Deia e suscitaria malévolos comentários sobre essa criatura, que desejava escudar à custa dos maiores tormentos.

Se morresse, ficaria para sempre privado de a ver e deixá-la-ia exposta a todo o gênero de perigos e ao tumultuar do próprio desespero, que lhe seria péssimo conselheiro.

E, por muito a amar, era ainda forçoso sacrificar-lhe o seu justo ressentimento e a satisfação do seu ódio!

Oh! amor a quantas obrigas!

Resignou-se em conclusão a abafar os gritos da dignidade ofendida e chorou amargamente.

De manhã, desfez o leito, e tentou dormir um pouco: pálido, mas correto e calmo, apresentou-se ao almoço; ninguém diria ao vê-lo, que esse homem passara por temerosa catástrofe.

Deia despertou duas horas antes do almoço, quis orar, não pode.

Assaltou-lhe o espírito a lembrança do que sucedera na véspera; teve consciência do que lhe cumpria fazer, ergueu-se, olhou-se ao espelho e tocou a campainha.

Estava desfigurada, lívida, e de olhos pisados.

Era cruel estigma de sua horrível insônia, que os fâmulos não saberiam adivinhar, estremando os paralelos existentes entre o desespero e o prazer.

Entrando a criada, a moça recebeu-a com a máscara, que usaria toda a vida.

Doravante, deveria aparentar o que não sentisse e devorar suas mágoas só, no silêncio do seu quarto, quando todos dormissem e os seus soluços não pudessem ser ouvidos.

Arranjou os cabelos, enfiou um *peignoir* azul marinho de casimira bordada, que ainda mais lhe patenteava a palidez, e esperou, como autômato, a sineta do almoço.

Saiu, ao ouvi-la; à porta do *boudoir*, encontrou Mauricio, que lhe ofereceu o braço, dando-lhe bom dia, ao qual respondeu em voz sumida, pondo a mão trêmula no braço do marido, compreendendo a delicadeza e o cuidado com que salvava as aparências.

Sentaram-se à mesa, comendo pouco, sentindo a angustia apertá-lhe a garganta e falando sobre banalidades, na presença do fâmulos, que os servia.

Deia só respirou ao entrar em seus aposentos, aflita, com o seio oprimido, experimentando o incomportável peso dessa existência de calceta⁴, que a sorte lhe dera e lembrando-se de que, diariamente, passaria por igual tortura!

⁴ Argola de ferro no tornozelo do prisioneiro, ligada por corrente de ferro a sua cintura ou ao pé de outro prisioneiro; grilhão, caDeia.

E assim aconteceu.

Alguns dias depois, Mauricio a convidou para ir ao teatro.

Entrou no camarote, pálida, linda: todos a contemplaram; ela corou pelo seu luxo, pela atenção que despertava, pela aparência de ventura, que lhe era imposta.

Tinha sofrido, vestindo essas custosas roupas, adornando-se com essas jóias, sentindo-se arrebatada pela magnífica parelha de alazões, olhando a seda *mauve*⁵, que forrava o elegante *coupé*⁶, e que achava fúnebre; porque tudo isso lhe vinha do marido, para quem era uma estranha, porque essas comodidades lhe pareciam uma usurpação e a humilhavam.

Muito recebia e nada havia dado!

Também assistiam ao espetáculo o pai, a madrasta e Julieta: foram vê-la no primeiro intervalo.

Deia beijou ternamente a irmã, apertou a mão do pai e a de Ester, e olhou para esta fixamente, erguendo um pouco a fronte, com uma espécie de desafio, para que pudesse ver o abatimento do seu rosto.

Adivinhando o pensamento da madrasta e, mostrando-lhe o semblante martirizado pelas vigílias, queria demonstrar-lhe que conseguira iludir o marido que ela lhe dera: sucesso completo, venturoso, do qual suas feições fatigadas eram o resultado.

⁵ Cor rosa-arroxeadada ou violeta.

⁶ Carruagem inventada na França no século XIX, leva o passageiro atrás do condutor que fica do lado de fora.

Ester empalideceu de despeito, recebendo em cheio a desdenhosa provocação daqueles olhos eloquentes, que tudo diziam em seu mudo irradiar.

- Ordinariamente, tocava Deia o piano para passar as horas, e lia suaves poesias, que lhe infundiam sombria tristeza, sentindo contudo na alma imenso vazio, que poderia nada encher.

Iritava-se com a lembrança de Mauricio a importuná-la sempre, mostrando-se em toda a grandeza aquele amargurado coração, que não sabia desforçar-se, senão perdando.

E a essa ideia de perdão, revoltava-se enrubescendo de pejo e exclamando com dolorosa ironia:

- Qual perdão! Apenas me despreza! quer salvar as aparências e condenar-me à humilhação! Está bem vingado!

Assim a amargura do desespero envenenava-lhe os mais generosos sentimentos, fazendo-a interpretar a seu modo o nobre proceder do marido: tanto é verdade que a desgraça desnatura os melhores caracteres!

Enervada pelos pesares, e convidada sempre por Mauricio para sair, procurou no bulício e nos divertimentos cansaço ou olvido.

Mauricio a acompanhava sempre, com a mesma urbanidade.

No carro, junto a ela, mudo, quedo, respirando o perfume da formosa criatura, o infeliz experimentava o suplício de Tântalo⁷; e

⁷ Refere ao sofrimento daquele que deseja algo aparentemente próximo, porém, inalcançável. A expressão deriva da figura mitológica grega de

não lhe seria permitido fazer uma só exprobração!

Levando-a aos bailes, receava ver fugir-lhe de entre as mãos essa ave, cruelmente ferida, que desejava curar com o bálsamo de suas lágrimas e o lamento de sua agonia.

Ali, onde brilhava com a sua fatídica beleza, elevando o espírito dos que a contemplavam, quem sabe? talvez, um dia, deixasse esse vaporoso e suave nimbo, que circunda a fronte das mulheres jovens e lindas e que se chama – honestidade!

Assim, o amor, que a ela votava, resumia todos os afetos humanos: compunha-se dos arroubos de Romeu, dos furores de Otelo e dessa paterna e protetora ternura, que tudo teme, prevê e revela.

Os extremos tocam-se e, às vezes, ele temia que aquele imenso afeto, que o fazia mártir, também o pudesse tornar vil e covarde!



Tântalo, filho de Zeus, que tentou enganar os deuses roubando-lhes os manjares e pudins e em seu lugar servindo a carne de um de seus filhos. Foi condenado a nunca mais conseguir saciar sua fome ou sede mesmo vivendo para sempre em um vale verdejante.

VII

Seis meses depois, Deia cansou-se dessa correria a que se entregara e compreendeu que nada a distrairia.

Os homens, que a cortejavam, eram banais, enfatuados, egoístas: todos se amesquinhavam, quando os comparava a Mauricio; nenhum tinha o seu porte, ilustração e grandeza de alma.

Desprezou-os; compreendeu que não poderiam mitigar o seu desespero e prezava-se muito para se abandonar, apenas por capricho a seres tão ínfimos.

Demais, todo o seu sofrer provinha de uma falta, redimida pelo próprio amor, que a provocara e pela decepção de se ver iludida e desiludida; não era, portanto, justo que se consolasse na devassidão e no desregramento, que embota a criatura e não consegue matar a lembrança.

Não! deixa-a, pelo contrário, perdurar viva, dando-nos a consciência de nossas quotidianas baixeiras, atormentando-nos com a ideia de uma regeneração impossível, fazendo-nos cair de falta em falta, até ao completo aniquilamento de toda a noção do bem!

E esses, por quem tudo sacrificasse, seriam os primeiros a

desprezá-la, esquecendo as palavras ardentes e os grandes protestos, com que a seduzissem, achando que os havia atendido por vício, negando-lhe qualquer vislumbre de sentimento, que a pudesse diferenciar um pouco da besta-fera.

Tão abjeto raciocínio sai das cabeças perfumadas e elegantes dos nossos *dândis*, acha eco em seus poluídos corações, forma a opinião pública, esmaga a mulher que esquece seus deveres, destrói o efeito, eleva a causa, castiga a vítima e faz do culpado juiz!

Ah! se as mulheres soubessem o que se passa no espírito de seus amantes, quando se lhes entregam, crédulas, confiantes em lealdade e honra imaginárias!

Se pudessem adivinhar que uns as desejam pela beleza; outros só almejam vangloriar-se de as possuir; estes conseguem viver à custa de sua cegueira e se fazem pagar muito caro; aqueles aceitam-nas até por economia e que tudo concedem, em troca de tais infâmias!!

As que sinceramente amam, até que eles mesmos as desiludam com alguma indignidade, infundem compaixão e só tem a mácula de os haver amado!

As que se entregam por desfastio, capricho e passatempo, nada merecem: são perfeitamente infectas, como esses, a quem sorriem e acariciam.

Entre mil homens, pode haver um, que tenha a coragem de seus atos, que se responsabilize pela falta da mulher amada, que a proteja contra todos, com a ternura do seu afeto; são porém raras essas exceções e será melhor não as procurar.

Invadida pelo tédio, Deia no estudo e no apuro da inteligência buscou distração e paz.

A biblioteca de Mauricio era magnífica; ai achou que aprender: leu Büchner, Buemeister, Czolbe, Moleschott, Tuttle, Krahmer, Ângelus-Silesius, Huschke, Secchi, Faraday⁸.

Sofria, tendo sido sempre boa e amante: inquirira a si mesma e ao Deus, a quem adorara, por que tanto padecia; mas, tendo a consciência purificada pela dor, e crendo-se absolvida por ela, Deus não lhe respondera!

Os desgraçados raciocinam em demasia, revolvem muitas vezes o punhal na ferida, entretém a chaga e chegam a alargá-la na impaciência de a perscrutar.

Assim sucedeu à mísera: tanto interrogou, tanto deduziu, que duvidou desse Deus, tão mudo, que a tibieza da sua fé tornava inexorável.

A ciência dos materialistas completou-lhe o descalabro: ela se viu, um dia, senhora de tudo o que o talento produz, de tudo o que a humanidade conclui, e sentiu-se mais desolada que nunca!

Proviera da matéria, representava-a, vivendo, e, ao morrer, volveria a esse princípio, sempre renascente e imorredouro!

Sofria; duas forças lutavam em seu seio: de um lado, o cérebro aceitava o raciocínio e o exame da ciência; do outro, o coração, palpitando por Mauricio, ansiava pela fé, pela crença em outro

⁸ Cientistas que adotavam a filosofia materialista em diversas nuances.

princípio soberano, diante do qual se curvassem homens e ciência!

Amava a Mauricio pela generosidade da alma de que era dotado, sublime, grande, irmã da sua.

Amava-o, como se pode amar outra porção do nosso ser, destacada do nosso organismo, e onde temos a certeza de tudo encontrar, deliciando-nos.

Amava-o, com o desespero de o haver perdido para sempre na vida e sem que nada lhe promettesse no futuro essa sabedoria, que lhe enchia o cérebro!

Maldita ciência, que tudo provas, que tudo matas!

Pálida, febril, curvava-se sobre os livros, querendo impregnar-se das ideias desses homens fortes, que pareciam afirmar o que escreviam.

Dolorosamente, meditou sobre estas palavras de Büchner⁹:

“Por que teriam as noções religiosas, que designam a Deus como o ser eterno e infinito, mais privilégio que as da ciência? Pode a concepção dos naturalistas ser menos audaz que a sombria imaginação dos padres, cujo furor inventou a eternidade do inferno?”

Comentava depois Burmeister¹⁰:

⁹ Ludwin Buchner (1824-1899), fisiologista e médico alemão, um dos expoentes do materialismo científico no século XIX; entre seus livros destaca-se *Kraft und Stoff* (1855), *Força e Matéria*, que se tornou livro fundamental de fisiologia materialista.

“Tudo quanto disseram do fim do mundo é tão vago como as tradições da sua origem, inventadas pelo espírito dos povos em sua infância; a terra e o universo são eternos, porquanto a eternidade é uma qualidade inerente à matéria. Porque há alterações no globo, o homem, cujo espírito não está esclarecido pela ciência, julga-o limitado e passageiro.”

Faraday¹¹:

“O que desaparece de um lado, reaparece necessariamente do outro”.

Tuttle¹²:

“Não há sopro, por mais leve que seja, nem vaga que se despedace sobre a praia, cujos movimentos não percorram o universo.”

Secchi¹³, apesar de padre, firmando-se na ciência, dizia:

“Na natureza nada pode ser aniquilado; da própria morte torna a

¹⁰ Herman Burmeister (1807-1892), zoólogo e entomólogo alemão, professor na universidade de Halle-Wittenberg. Viajou o Brasil entre 1850 e 1852, onde trabalhou com Lund em Lagoa Santa; acabou se estabelecendo na Argentina onde fundou o Instituto e o Museu de Buenos Aires.

¹¹ Michael Faraday (1791-1867) químico e médico inglês, ou como se dizia então, filósofo natural contribuiu para a eletroquímica e foi um dos cientistas mais influentes da história.

¹² Sobrenome de vários cientistas, dois astrônomos, mas talvez autora esteja se referindo a Albert Henry Tuttle (1844-?), naturalista norte americano que escreveu em jornais e periódicos científicos e de educação.

¹³ Pietro Angelo Secchi (1818-1878) astrônomo italiano diretor do Observatório na Pontifícia Universidade Gregoriana durante décadas. Ativo também em oceanografia, meteorologia e física criou um disco para medir a transparência da água em oceanos e lagos.

sair necessariamente, e, por toda a parte, uma nova vida.”

Moleschott¹⁴:

“O pensamento é um movimento da matéria”.

“Nada existe em nosso entendimento, que não haja entrado pela porta dos sentidos. O homem pensante é o produto de seus sentidos.”

Lutero¹⁵:

“Deus é um quadro vazio, sobre o qual não há outra inscrição, senão a que aí puseres tu mesmo”.

Angelas-Silesius¹⁶:

“Deus é nada, não está nem aqui, nem lá; quanto mais o quiseres prender, mais te fugirá”.

Plínio¹⁷:

¹⁴ Jacob Moleschott (1822-1893), fisiologista e médico holandês, foi professor em Heidelberg, Zurique, Turim e Roma. Tornou-se muito popular também conhecido como palestrante expondo através de pesquisas a origem de animais e homens por processos naturais.

¹⁵ Martinho Lutero (1483-1546) iniciador da Reforma e também pensador tido como fundador da moderna cultura alemã.

¹⁶ Angelus-Silesius (1624-1676) é pseudônimo de Johannes Scheffler, filósofo, médico e jurista, conhecido por sua poesia mística considerada ponto alto da poesia barroca alemã.

¹⁷ Gaius Plinius Secundus (23-79), conhecido como Plínio, o Velho para distingui-lo do sobrinho do mesmo nome, foi filósofo natural, historiador e comandante romano. Escreveu *Naturalis Historia*, em 37 volumes, o mais importante compêndio das ciências naturais antigas de grande influência na cultura Ocidental.

“Logo que se morre, o corpo, assim como a alma, não tem mais sensação do que antes do nascimento.”

Deia fechava esses livros, com furor, como se quisesse esmagar com eles as ideias que encerravam, os homens que as haviam produzido e a angústia que a devorava.

E vestia-se, às pressas, sem quase olhar para o espelho, embelezada pela dor, e, correndo ao teatro, e recostando-se no seu camarote, cerrava as pálpebras, ouvindo as sublimes harmonias da *Hebreia*¹⁸.

Criava, então, um mundo imaginário, onde as almas belas se amavam livremente.

¹⁸ Ópera em cinco atos de Fromental Halevy e libreto original de Eugenio Scribe foi apresentada pela primeira vez em Paris, em 1836. Foi uma das óperas mais populares e admiradas do século XIX. O enredo narra o amor impossível entre um cristão e uma judia e a peça era na época entendida como apelo à tolerância.



VIII

No dia do casamento de Deia, vira-se Julieta requestada por Cesário de Castro, moço amaneirado, dono de grande loja de modas e com fama de muito rico.

Era um desses seres que sabem encobrir seus defeitos; demais, não seria difícil iludir à ingênua e casta mocinha, à quem desejava agradar.

Procurou vê-la amiudadas vezes, mostrando-se afetuoso e apaixonado.

Vivia ela assaz triste com a ausência da irmã; não podia amar ao pai, a madrasta lhe era antipática, detestava a Jorge: deixou-se portanto prender pelos protestos desse homem, que a escolhera para consorte.

Acolheu perfeitamente Carlos de Araújo a esse genro, que lhe quadrava; e o casamento de Julieta realizou-se, seis meses depois da noite em que Deia achara abrigo sob o teto de Mauricio Barreto.

Enquanto durou essa cerimônia religiosa, que tantas vezes inutiliza duas criaturas, Deia sentiu o coração confranger-se; teve ímpetos de arrebatá-la à irmã àquele sacrifício, onde apreciava vê-la

imolada e fugir com ela para bem longe, livrando-a dos transe cruéis desta vida.

Tentou reagir contra o funesto pressentimento, ao abraçar Julieta, forma iDeial, envolta em rendas vaporosas.

Não teria a desgraça receio de toldar aquela fronte angélica, onde se aninhavam mil aspirações celestes?

Alguma coisa de materno vibrou-lhe na alma; e Deia, a erudita, o espírito forte, ansiosa, buscou o rosto cadavérico de Jesus, e, com desespero, murmurou:

- Ó Deus, se existes, se a tradição não mente, protege-a! Deixa que eu só padeça! aceita meus cruciantes pesares, como resgate de sua ventura!

Algumas horas depois, o baile resplandecia de luz, perfume e animação: Deia dançava uma valsa; seguiram-na todos os olhares.

O corpo tinha a harmônica ondulação das bailadeiras indianas; as rijas formas desenhavam-se sob o cetim luzidio; as espáduas emergiam num branco fosco, olímpicas, como que aviventadas por um sopro divino; e a cabeça pendia um pouco para trás, com a desesperança do precito, ante o infinito!

Dançou essa valsa somente, para embalar um frêmito juvenil, que a eletrizara; ao terminá-la, viu-se rodeada por um gruo de homens que a devoravam com a vista, falando em coisas indiferentes.

Animando-se insensivelmente a conversação falaram sobre mil assuntos e depois caíram na filosofia.

Mauricio aproximou-se, atraído, inconscientemente, pela mulher; recebeu que ela não se soubesse equilibrar nesse terreno, onde, em geral, as mulheres da nossa terra perderiam pé, mas ficou surpreso e sentiu verdadeiro orgulho, ouvindo a moça expender suas ideias.

Esta, com sua voz melodiosa, mostrou em que baseava suas opiniões; falou bem, com a eloquência do entusiasmo e pela satisfação de saber que Mauricio a ouvia; não olhava para ele, mas sentia que a aprovava e como ela pensava.

Com isenção de ânimo, dois ou três homens de incontestável merecimento admiraram-na; eram senadores da *velha guarda*, do tempo em que havia necessidade de saber, realmente, alguma coisa.

Os outros, mais modernos, menos premunidos, fingiam conhecer os nomes ilustres, que ela citava; mas achavam-na pedante e até menos formosa, porque os humilhava com sua superioridade.

Daí em diante, pela preguiça de aliar um pouco mais de leitura útil às futilidades de suas nulas existências, teriam eles de evitar-lhe a conversação, limitando-se a um banal cumprimento.

Admirando Mauricio, com a elevação de sua inteligência e com a força do seu afeto, o talento e a ilustração de Deia, duplamente sofreu.

Essa adorável mulher tinha, então, mais esse mérito, muito subido e apreciável a seu ver, podia discutir com ele e caminhar além, até onde chegou à ciência moderna; entretanto continuaria como se lhe fosse uma estranha à sua convivência!

- Pouco depois, Ester, ralada de inveja pelo esplendor da beleza

de Deia, passou de braço com Mauricio, por junto dela, e, sorrindo, lhe disse:

- Deia, não tenha ciúmes!

A moça empalideceu, ergueu-se e replicou, baixando a voz:

- Não posso ter ciúme do que está ao alcance de todos! E, tomando outra direção, deu-lhe as costas.

Ester ficou lívida e desejava estrangulá-la, com suas mãos nervosas.

Mauricio fingiu não ter ouvido o que dissera sua mulher, notando que a voz adorável sibilava, quando falou à madrastra.

Inquieta, sentindo o ciúme atormentá-la apesar da sua negativa, a moça aproximou-se de uma grande cesta de flores e amarrotou-as, fremente, murmurando:

- Quererá essa mulher roubar-m'o, depois de m'o haver imposto? Será sua missão arrebatatar amantes e maridos alheios?

Pouco depois, estava Mauricio a seu lado, fatalmente atraído, e um néscio lhe dizia:

- Fazem inveja! o Doutor anda aqui, ali e volve sempre para a senhora.

Ambos coraram: Mauricio prontamente readquirindo a calma, respondeu, com seriedade:

- O meu procedimento é muito natural, e a vista de Deia tudo

explica.

Ela sentiu o íntimo tremor agitá-la em dolorosa delícia: parecia-lhe a primeira vez que lhe gabavam a beleza, e, só nesse momento, teve prazer de ser bela, sabendo que o era para Mauricio!

Sorriu de modo inefável e ousou olhar para o marido, sem recear que a julgasse tolamente vaidosa, ouço tempo havendo decorrido que demonstrara quanto era diferente das demais mulheres, pela elevação de seu espírito.

Ele retribuiu o sorriso, mas a mísera lhe adivinhou a pungente tristeza e compreendeu que fora de simples formalidade.

Profunda melancolia abateu-a.

A imaginação, essa alada filha do céu, não teve mais ânimo de se elevar aos mundos fantásticos; absorta em amargura, a moça ouvia a música da sala próxima.

Ao entrar no carro, os cavalos espantaram-se: ela teria caído, se Mauricio não a arrebatasse, com ímpeto, nos braços musculosos.

Deia, de olhos fechados, tremia, não de susto, mas de indefinível emoção, palpitante ao contato do ente, que a protegera.

Teve-a Mauricio apertada ao peito, até que os animais fizessem a volta, domados pela força do cocheiro; colocou-a depois no *coupé*, sentando-se ao lado, pálido e trêmulo como ela, sem que a voz lhe saísse da garganta apertada, convulsamente, em horrível angústia.

E ambos cerraram as pálpebras para se concentraram nessa sensação de lancinante gozo, prolongando assim aquele delicioso

tormento, em que suas almas se quedavam atônitas, em seus corpos entorpecidos de langor.

Naquela noite não dormiram: passaram horas e horas, suspirando, enervados, quase em delíquio¹⁹, com chumbo no cérebro, deslumbramentos e zumbido nos ouvidos, e lutando com a hidra de impacientes volúpias, subjugada por duas vontades valentes e inflexíveis!



¹⁹ Desfalecimento.

IX

O tempo passava lentamente para Deia: eram, porém, rápidos os momentos em que via Mauricio e só por esses ansiava, assim que o marido desaparecia de sua vista.

Contentava-se em saber que se achava na mesma sala que ele, em olhá-lo a furto, em lhe ouvir a voz, em lhe responder qualquer banalidade, na presença dos fâmulos.

Até praticava puerilidades: às vezes, logo que Mauricio saia, apressava-se em levar para seus aposentos o ramo de flores que ele aspirara, em apertar entre as mãos o livro, que ele deixara e até procurava seguir nas alamedas do jardim as pegadas de seus pés aristocráticos.

O amor lhe suavizara a altivez da beleza: a boca adquirira infinda tristeza, e o olhar, repleto da íntima ternura, com que se habituara a contemplar Mauricio, parecia beijá-lo, fazendo assim o que os lábios jamais ousariam.

Muitas vezes chorava, aflita, receosa de que, com a morte, perdesse a faculdade de amar; pois, esse amor infinito acabaria com o extremo palpitar do seu coração?

Não! era impossível! a grandeza do que sentia deveria ter outro destino, outra esperança.

O martírio de sua alma reclamava um repouso, um lenitivo, uma recompensa; entretanto, na terra nada mais esperava e não acreditava no céu.

Oh! se pudesse ressuscitar a primitiva crença! Se pudesse esquecer o que a ciência lhe provara mais ou menos!

Se violenta febre lhe matasse a memória, deixando-a na completa ignorância de todas as coisas, talvez assim lhe fosse possível ter essa fé inquebrantável, cega, das mulheres piedosas!

Leu a *Vida de Jesus* de Renan²⁰: estilista admirável, engenho poético, sem contestação; mas de uma contradição manifesta e de frouxo convencimento no que afirma.

A moça percebia também em muitos outros autores essa dúvida latente, que entorpece a credulidade e destrói todos os efeitos da maior eloquência.

Meditou sobre Caro²¹, o mimoso filósofo das senhoras: espírito reverente ao seu culto, porém um tanto divagante, a perder-se em

²⁰ Ernest Renan (1823-1892) historiador francês, famoso em vida e polêmico em seus textos sobre o cristianismo. A obra mencionada aqui contribui para seu renome, trata de mostrar que a vida de Jesus deveria ser escrita como a de qualquer outro homem; algumas de suas afirmações foram consideradas contraditórias e muito discutidas. Por outro lado, esse livro foi base para uma corrente anti-clerical que considerou Renan a encarnação do progresso cultural ocidental, como o moderno.

²¹ Elmo Marie Caro (1826-1887), filósofo francês, professor da Academia de Paris. Defendia o cristianismo contra o positivismo. Entre seus vários livros, *L'idée de Dieu* e *Le matérialisme et la science* (1868).

demonstrações sobre os erros das opiniões alheias em vez de claramente indicar as razões, que o levam a crer.

Por tal forma têm *dissecado* os controversistas os dogmas do cristianismo, ridicularizando-os, envenenando-os e combatendo-os em nome da ciência, que é muito difícil restituir-lhes a primitiva pureza e inteiramente os salvar do abismo da dúvida.

Tendo ouvido falar no padre Jerônimo, pregador afamado, Deia foi ouvi-lo.

O acentuado perfil do pregador destacava-se soberanamente da sombria sotaina, sai-lhe a palavra fluente, sonora, dos lábios irônicos e a inteligência brilhava-lhe nos olhos faiscantes.

Ante a juba possante daquele Danton do púlpito, cuja voz suscitaria uma revolução, Deia tremeu, mas não se sentiu tocada.

Não! aquela face leonina, convulsionada por íntimo fogo, deveria pertencer a um tribuno e não nascera para se aliar à palavra mansa, cheia de amor, da religião do Calvário!

Um dia, em uma igreja pobre, humilde, nitidamente caiada, encontrando um sacerdote, pálido e débil, a moça lhe pediu que falasse sobre o Evangelho.

De modo conciso, com verdadeira fé, sereno, alheio à palpitante ansiedade dessa formosa mulher, a quem nem mesmo via, o desconhecido padre discorreu algum tempo.

Deia sustinha a fronte, fechava os olhos para se concentrar e só perceber essa voz fraca, doentia, desprendida já do mundo,

demandando essa região de paz infinita, que tão bem descrevia e onde se encontra o supremo descanso.

Associando o seu padecer àquela alma branda, que parecia despida das amarguras da vida, Deia sentiu que o pobre homem fundira em um só amor toda a sensibilidade do seu ser espezinhada por mil dores, abrigando no seio da religião o que de afetuoso e santo lhe restava.

Oh! por que não daria a Deus somente, o que Mauricio não podia aceitar? por que não crer nessa eternidade, que lh'o restituiria depois da morte, sem a cegueira dos preconceitos, amante, carinhoso, belo!

Os soluços sufocaram-na e o padre disse ao ouvi-los:

- Padece muito, filha!

- Muito! Respondeu ela.

- Quer confessar-se? Aliviar seu peito?

- Não! voltarei, talvez, um dia e então....adeus!

E, triste, chorosa, saiu, com a intenção de se abraçar à cruz, até que a fé a salvasse, ou que suas carnes se despedaçassem nesse desesperado amplexo!



X

Além de tantos pesares, teve Deia a certeza de que a irmã não era feliz.

Com ela chorava e sofria; mais que nunca, sentiu necessidade de um conforto moral, onde a sua alma martirizada achasse refrigério.

Leu Bossuet²², compenetrando-se daquele espírito grandiloquo, brilhante e simultaneamente singelo, crente e puríssimo.

A sós, alma à alma, com Bossuet, bebia a fé, extasiando-se com aquele modo de falar, só dele:

“Não raciocineis mais, humilhai-vos. Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça, mais saiba que esses ouvidos, que ouvem, foi Deus quem os deu.”

E mais adiante:

“Sem dúvida há dentro de nós uma divina claridade: - Um raio de vossa face, ó senhor, se imprimiu em nossas almas. É aí que

²² Jacques Benigne Bossuet (1627-1704), teólogo, poeta e bispo francês, preceptor de Luiz XIV. Considerado um dos maiores oradores franceses defendeu as tradições religiosas contra as inovações. Autor, entre outros de, *Elevação da alma* e *Meditação*.

descobrimos, como em um globo de luz, uma satisfação imortal na honestidade e na virtude: é a primeira razão que se mostra a nós por sua imagem, é a própria verdade que nos fala e que nos deve fazer compreender que há alguma coisa em nós, que não morre, já que Deus nos fez capazes de encontrar a felicidade, mesmo na morte”.

Com os olhos úmidos, lia:

“Ó homem, feito à imagem de Deus, corres em busca dos prazeres mortais, suspiras pelas belezas mortais, os bens transitórios te seduziram o coração. Se nada conheces que esteja acima deles, nada melhor, nem mais agradável do que eles, descansa, então, gozando-as: mas, se tens uma alma esclarecida pelo raio da inteligência Divina; se, seguindo esse pequeno raio, podes subir até ao princípio, até à origem do bem, até ao próprio Deus, se podes conhecer que ele existe e que é infinitamente belo, infinitamente bom, que é a suprema beleza e a suprema bondade, como poderás viver, sem o amar?

“Homem, já que tens um coração, é preciso amar, e, conforme amares, bem ou mal, serás feliz ou infeliz. Dize-me, a quem amarás, pois? O amor é feito para o belo, e o maior amor para o mais belo e o soberano amor para o soberano belo: qualquer criança o compreenderia! que insensato o poderia negar? É pois uma loucura manifesta e de todas as loucuras a mais louca recusarmos o amor a Deus, que nos procura. Que esperamos nós? Queremos não o amar jamais ou amá-lo, algum dia? Jamais quem o poderia dizer? Jamais! quem o poderá mesmo pensar?

“Mas, se o queremos amar algum dia, quando virá esse dia? porque não será o presente? Que graça, que privilégio tem esse dia,

que esperamos, para que o consagremos entre todos os outros, dando-o ao amor de Deus? sim, todos os dias pertencem a Deus; mas nós somente temos um, que nos pertence e é o que se passa! E então! queremos dar sempre ao mundo o que temos e a Deus o que não temos?"

Pálida, bela, com a serenidade dos neófitos sinceros, Deia meditava sobre as palavras, repletas de brandura e amor, de Jesus Nazareno:

"Amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos perseguem.

"Não julgueis e não serie julgados. Perdoai, sereis perdoados. Sede misericordiosos como vosso pai celeste é misericordioso. Dar vale mais que receber. O que se humilha será elevado, o que se eleva será humilhado".

Estas frases originais, ditadas por um amor infinito, repassadas de imensa comiseração, e que apesar do volver dos séculos, ainda exalam o perfume do sopro divino, que passou pelos lábios do homem-Deus trazem um cunho imortal, que penetra na alma, abala a consciência e converte-a.

Deia ajoelhou-se, curvada, humilde, ante esse Deus de amor e esperança, que lhe enxugaria as lágrimas, consolando-a, meigamente, das dores sofridas na terra e o adorou, esse Deus piedoso que na eternidade lhe daria o seu amado Mauricio, sempre risonho, feliz, confiante, na posse completa da identificação de suas almas.

- Ah! Mauricio! Mauricio! como te amei! quanto pudeste sobre

mim, e quanto padeço! exclamava banhada em lágrimas.

E ele? o que sentia? o que fazia, enquanto a mísera mulher passara por tantas transformações?

Amava, sofria, morria! Guardara no íntimo do peito as mortas esperanças , as mentidas ilusões, as enlutadas alegrias, com o piedoso carinho com que guardamos preciosas relíquias, um tanto desbotadas pela freqüência de fervidos beijos.

Sufocara sua ternura, afivelara ao rosto a máscara da impassibilidade, olhava indiferente para essa criatura, junto da qual seus joelhos se dobravam, tinha a coragem de se envolver, maquinalmente, nas materialidades da vida e só retomava a sua individualidade no retiro de seus aposentos, longe de todas as vistas.

Então, padecia atrozmente; e dando maior expansão ao pesar e ao desalento, maldizia-se e chorava como preciso.

Com extrema volúpia, verificava os progressos de uma afecção cardíaca pelos avisos do pobre coração, que tanto lutara, e que inchava magoando-se no âmbito do peito, que o continha.

Às vezes, sentindo a vertigem toldar-lhe a vista, entrava precipitadamente em seu quarto e caía no chão, não tendo tempo de alcançar o sofá ou o leito.

Todos ignoravam essas quedas, em que se pisava e que o podiam matar, mais depressa.

Pálido e abatido, erguia-se com indefinível sorriso, prevendo na falta de equilíbrio de sua natureza a aproximação de um fim, pelo

qual ansiava.

Entretanto, não era um espírito romântico, mas um homem grave, altivo, profundamente apaixonado pela mulher, a primeira que lhe fizera pulsar o coração, e na qual desgraçadamente encontrara uma existência fanada, uma alma grande e nobre, porém ferida por amargas decepções.

Em muitas ocasiões sentia ímpetos de acariciá-la, de abrandá-la, com sua ternura; mas lh'o embargava o orgulho ainda ressentido do gesto significativo, com que a moça o repelira, nessa noite nefanda do seu casamento.

Temia encontrar naqueles olhos soberanos a centelha do desprezo ou o fuzilar da cólera: preferia, pois, agonizar eternamente a ter nova decepção.

O mísero coração doente perdera a faculdade intuitiva: não adivinhava o amor infinito que atormentava a adorável Deia; cegos um pelo outro, morreriam, por não se verem.



XI

Cinco anos passaram por Julieta, mudando-lhe o sentir, tirando-lhe a infantil alegria, dando-lhe a precoce gravidade dos que lutam e sofrem.

O casamento fora o abismo, onde todas as suas esperanças se sumiram, deixando-a atônita e pesarosa.

Tratou-a Cesário de Castro como à uma nova amante, de cuja frescura e mocidade usou e abusou, saciando-se depressa e voltando aos antigos hábitos de jogador e dissoluto, sem mesmo se lembrar que deixava só, em casa, a uma jovem digna de todo o carinho e amor.

Imbecil! Trocava o afeto sincero, leal, da mulher pelos sorrisos fingidos e muito caros dessas criaturas, que não o conheceriam mais, desde o momento, em que não lhes desse dinheiro.

Como a vaidade cega os homens! Nada vêem e muito se admiram, quando os abandonam as *cocottes*, em quem julgam encontrar afetuosos sentimentos, e que sabem aplicar-lhes, maravilhosamente, a pena de Talião²³, ferindo-os com as mesmas armas com que eles

²³ Pena de talião refere à ideia de correspondência ou semelhança entre o crime e a pena; esse tipo de lei aparece em códigos muito antigos, desde a

ferem as mulheres a quem desposaram, cabendo às tristes solitárias do lar o obter a vingança das mãos das folgazãs do vício!

Era Julieta uma natureza meiga, sensitiva, capaz de extremos, toda coração: mas, logo que a espezinhavam demasiado, a altivez de tal dignidade rebentava, abafando a mágoa: nesse ponto, assemelhava-se à irmã.

A moça chorou o seu abandono, o baldado devotamento, a juventude perdida: procurou prender o marido pelo carinho e pela mansidão: tudo foi inútil.

Tinha Julieta essa beleza casta da virgem-mãe de Rafael, que impõe a adoração às almas poéticas, mas que não inflam o sangue dos libertinos.

Saturando-se de amargura e afinal votando desprezo ao marido, vazava os pesares no seio de Deia; e esta irmã, que ela julgava feliz, chorava, consolava-a, sentindo-se ainda mais desgraçada com semelhante acréscimo de desdita!

-Um dia, Julieta despertou com o indizível espanto de um anjo, lançado na amplidão do Averno²⁴: sentiu-se mãe!

Mãe! esta palavra dulcíssima lhe feria o ouvido!

Em vez de se extasiar como às outras mulheres, a indefinível agitação do feto em suas entranhas causou-lhe horror e raiva!

Babilônia, e também na Bíblia; e nós modernos, continuamos a empregar a expressão, olho por olho, dente por dente. No caso, engano por engano.

²⁴ Lago situado em Cuma, na Itália, associado na antiguidade a uma das entradas do inferno; sinônimo de inferno.

Quisera arrancar de si esse ser, gerado sem amor, sem estima, sem prazer, e oriundo de um ente que lhe inspirava asco!

Atenazanava-a a ideia de ser mãe em tão dura situação e de que concebera, talvez, nesses momentos, longos, penosos, em que cravava as unhas no gelado corpo para que a dor lhe embotasse o odioso contato do homem, a quem se achava presa pelo dever.

Imóvel, pálida, alimentada pelo desespero, sem forças, apática, desvivendo no pequenino ser, que lhe sugava a seiva aniquilando-a; passou horas e horas a mísera julgando-se mais infeliz que as donzelas seduzidas, que têm de ocultar seu estado à todas as vistas, pois essas ao menos adoram o seu infortúnio no homem, que o provoca!

Entretanto, ela podia mostrar-se a todos; tudo em si trazia o selo da legitimidade; mas sua carne honestíssima repudiava o fruto de suas torturas, como de uma desonra, contra que nem tivera o supremo recurso das violentadas: não pudera gritar, nem lutar.

Febril, indignada, rubra de pejo, resolveu-se a revelar à irmã o seu estado, em dolorosa eloquência, desabafando todo o peso de seu sentimento.

Pela conformidade de suas naturezas irmãs Deia a compreendeu, afagou-a, falou-lhe no passado, lembrando cenas da infância, pintou as solitudes maternas, apontou quadros risonhos no futuro, amoleceu aquela alma revoltada, corrigiu aquela transviada sensibilidade, fez-lhe, enfim, chorar!

A lágrima, silenciosa, resvalando, mansamente, engendra a triste resignação: a ela nos agarramos, quando a inércia sucede aos

embates da luta.

E Julieta resignou-se.

- Sentindo as lancinantes dores do parto, julgou-as mortais e esperou morrer com o filho, que a matava.

Passaram; e todas esqueceu, ao sentir no seio os lábios, ávidos de vida, da criaturinha tépida, que Deia lhe apresentava.

Uma robusta menina nascera de suas dores, dormia-lhe ao lado e sempre a consolaria, dando-lhe coragem para viver.

Teria a inocente criança duas mães nessas desditosas irmãs, estreitamente unidas pelo afeto e pela desventura.

Amamentando a menina, vivendo para ela, bebendo-lhe os sorrisos, o balbuciar e a voz adorável, Julieta chamou-a Clara e de beijos devorava o seu rosto, que era a miniatura de Deia.



XII

Cesário continuava a jogar e perdia somas enormes.

Trocando a noite pelo dia, voltava de madrugada, lívido, de mau humor; dormia apenas algumas horas; e despertava sem apetite, mal criado, querendo na mulher vingar-se das perdas ao jogo.

Fechara a casa de negócio, achava-se endividado e mostrava o torpe aspecto dos que afrontam a opinião pública, com o cinismo do vício.

Enojada, Julieta quis divorciar-se, mas ele ameaçou tirar-lhe a filha e por isso a mísera mãe sujeitou-se a viver ainda sob o mesmo teto e até lhe dava parte do dinheiro que recebia da irmã.

Iníqua lei a nossa: priva a mãe honesta de velar pela filha e a entrega ao pai, embora depravado e capaz de a lançar ao abandono ou à mercê de indignas criaturas!

Deia tinha mensalmente 500\$000 para alfinetes: desde seu casamento guardara essas quantias, com escrúpulo de gastar o que, na sua delicadeza, julgava não lhe pertencer.

Conhecendo, porém, as misérias da irmã, não trepidou em se

utilizar desse dinheiro e prezou-o pelas comodidades que traria à Julieta.

Observando que o cunhado não se pejava de jogar tudo que a mulher reservava para o gasto doméstico, tomou a deliberação de lhe pagar a casa, os criados, proporcionando à irmã todo o bem estar possível, e livrando-a assim de maiores importunações do marido.

Julieta sofria o contrapeso da infâmia do homem, a quem aparentemente se achava unida e cujo nome usava, mas a alma expande-se livremente na infinita idolatria, que votava à filha e à Deia, essa irmã que sempre lhe enxugara as lágrimas, amparando-a.

Igualmente, muito prezava a Mauricio, cujo caráter respeitava e que sempre lhe dispensara grande estima: demais, era o marido de Deia e ela os julgava felizes, continuando a ignorar o doloroso drama, que os unira e os separara.

- O martírio de Julieta chegou porém a seu termo. Não podendo mais recorrer à mulher, vendo-se sem meios, entregue a inconfessáveis expedientes, Cesário desceu, dia a dia, os degraus da abjeção; e algum tempo depois, morreu de *delirium tremens*, pois na embriaguez procurava esquecer tudo quanto lhe faltava para saciar suas paixões desordenadas.

Vendo Julieta livre, Deia ambicionou conservá-la a seu lado, para a compensar, em doce convivência, dos desgostos dos passados anos.

Achou, porém, conveniente pedir a autorização de Mauricio.

Era a primeira vez que a ele se dirigia, fazendo um pedido; só

pela irmã ousaria violentar-se a esse ponto.

Tinham acabado de almoçar e o moço recolhera-se à biblioteca.

Deia bateu à porta, inquirido se podia recebê-la e, obtendo resposta favorável, entrou, tímida, trêmula, irritada consigo mesma.

Mauricio lia, em cadeira de balanço: ao vê-la estremeceu, fechou o livro e indicou-lhe o próximo divã.

Sentando-se, receosa, não sabia como encetar a conversa, e temia que o tremor da voz lhe traísse a emoção.

Afinal, vencendo o enleio, disse:

- Sabe quanto quero à Julieta e à Clara e muito feliz me julgaria se as pudesse ter junto à mim! Se isso não lhe repugna, poderei abrigá-las sob este teto?

- Sem dúvida! e quanto antes! A pobre sofreu bastante e é justo que encontre junto a nós a felicidade, que merece! respondeu Mauricio, com os olhos fixos na livraria.

Deia corou e empalideceu; teve ímpetos de se ajoelhar, de deixar transbordar o tumulto de sensações que a assoberbavam, de confessar que o amava de há muito e que, naquele momento, o adoraria, se o seu amor fosse susceptível de aumento!

Calou-se para conter os soluços, que se lhe formavam na garganta; conservou-se imóvel, a fim de impedir que o corpo seguisse o impulso da alma; e cerrou as pálpebras para que a lágrima não corresse.

Depois, erguendo-se hirta, alterada e, sem olhar para ele, nem lhe estender a mão, disse mansamente:

- Obrigada! Mauricio, por elas...e por mim!...E saiu, vagarosa, arrastando o corpo, que desejava ficar, esperando que ele a chamasse, ouvindo ruído nesse silêncio que a matava e desaparecendo no corredor, com a gratidão e a desesperança a debater-se em seu coração.

Chegando ao quarto, caiu no genuflexório, lavada em lágrimas, triste, desalentada, quando acabava de obter o que tanto almejava, corrida dos malditos escrúpulos e do maldito orgulho, que lhe vedavam a confissão do seu afeto, arrependida de não ter tido a coragem de tudo dizer, embora Mauricio a desprezasse e com indiferença lhe pagasse o extremo!

E a mísera volvia para Cristo o olhar anuviado pelo pranto, buscando alívio e esperança.

Adorava-o em suas divinas promessas, edificava-a o seu grandioso sacrifício; mas custava-lhe tanto renunciar a Mauricio na terra e só afagar a ideia de o possuir em outra vida!

Se não lhe era permitido amar como as demais criaturas, por que, então, lhe deixara Deus sentir aquele imenso amor?

Por que seu desiludido coração não mirrara ao desespero da primeira decepção e renascera pela dor mais ardente e impetuoso, cheio da nobre e digna imagem de Mauricio?

Ouvindo perder-se ao longe os passos de Deia, Mauricio, que estivera louco por detê-la mais alguns minutos, mas sem força para

mover o braço que a cingisse, sem voz para a chamar, sentiu viva opressão no coração, abriu a boca e perdeu os sentidos.

Quando tornou a si, lembrou-se do que se passara; sorriu dolorosamente, e, comprimindo o coração com as frias mãos, murmurou:

- Tem paciência! não padecerás por muito tempo!

E tinha razão: lera muitos livros de medicina, sabia do que morria e estoicamente verificava os progressos do mal: lesão orgânica, agravada por inauditos pesares!

Morreria, sorrindo, porque a vida lhe era impossível e antes morrer do que penar assim!



XIII

Logo no começo de seus amores com Jorge, Ester, embriagando-se com seus voluptuosos beijos, satisfizera seus maus instintos nos braços dele, deleitando-se com a ideia de o haver disputado à enteada.

Foi uma fúria de gozos, à que sucedeu certa saciedade de parte a parte.

Daí todos os dias, alguma cena desagradável entre ambos.

Ela lhe lançava em rosto até a facilidade com que se desprendera de Deia, esquecendo que o fizera para se lançar a seus pés.

Ele a ouvia, aborrecido, arrependendo-se de haver deixado a prima, sempre meiga e carinhosa, por aquele monstro libidinoso e de não ter lutado e resistido, desposando-a e vivendo modestamente a seu lado, sem mesmo invejar os soberanos da terra.

Choviam as injúrias e as imprecações, depois vinha a fase lacrimosa, cheia de dúvidas e desconfianças.

Desculpava-se ele com Ester, mentia, jurava amá-la fielmente,

enviando-a, *in petto*²⁵, a todos os diabos; sorrindo, beijava-a e, momentaneamente, conseguia acalmar aquela natureza dissoluta, zelosa e vária.

Ela exigia absoluta fidelidade do amante, mas nem pensava em lhe dever retribuir igualmente; achava que era bastante desfrutar-lhe Jorge os carinhos e que nada mais podia ele requerer da sua munificência.

Fingia Jorge não lhe perceber as manhas e pagava-lhe na mesma moeda, desprezando-a, mas sempre voltando, pela irresistível atração do vício.

Muito tempo assim viveram, até que, um dia, Carlos de Araújo, entrando, inopinadamente, em casa, observou a própria desonra.

A cólera atroz feriu-lhe o coração: em um segundo, compreendeu toda a infâmia de Ester e a sua tática em lhe revelar a desonra de Deia, a fim de lhe roubar o amante.

O sangue subiu-lhe à cabeça, as veias da fronte incharam, os olhos desvairaram e, levando a mão convulsa à garganta, caiu, pesadamente, fulminado por congestão cerebral.

Deia e Julieta oraram por esse pai, que em vida não lhes testemunhara grande afeto: foram vê-lo, comoveram-se e saíram, evitando conversação com a madrasta.

²⁵ Italiano, tradução de expressão latina, no peito, isto é, no segredo do coração; em segredo, só para si.

Ester teve ataques, mais ou menos reais, representando bem o papel de viúva desolada; sentia, entretanto, essa morte somente pelo lado pecuniário: Carlos de Araújo tinha bons ordenados e tudo lhe entregava sem reserva.

Consolar-se-ia, em breve a viúva, à vista de sua beleza sólida e fresca, esperando que seus adoradores não a deixassem em sérias dificuldades e ignorando quantas evasivas deveria encontrar, desde que se tornasse pesada aos homens que a requestassem.

Efetivamente, daí em diante, Ester viveu à custa de sua formosura, tendo amargas decepções e cruéis represálias.

Jorge foi o primeiro a deixá-la e, desde então, quotidianamente, os espelhos do seu *boudoir* refletiram muitos tipos: grotescos, egoístas, endinheirados, *dandys*, brutos.

Todos esses animais seguiam o seu instinto e, bem ou mal, pagavam os sorrisos e encantos dessa mulher.

Um dia, porém, achou-se presa a um leito de dores, febril, horripilante, abandonada, vítima da bexiga²⁶.

Suplicou a um credor, que a atormentava, apesar do contagio da moléstia, que referisse à Deia o seu deplorável estado: a ganância fez o que faria a caridade.

A enteada estabeleceu-lhe uma mesada, pagou-lhe a enfermeira, a botica e as dívidas, retribuindo, cristãmente, todos os males, que, outrora, ela lhe fizera.

Ao levantar-se da cama, Ester quase enlouqueceu, não podendo

²⁶ Varíola.

reconhecer-se no monstro, que se apresentava a seus olhos espantados.

Sem coração, sem moral, nascida para o vício, entregou-se ao que há de mais baixo.

Despachante de uma casa importante, Jorge roubou, escandalosamente, grandes quantias, de convivência com a conferente da porta.

Descobertos, foi ele expulso, o outro demitido, e ambos processados, servindo os seus nomes de pasto à maledicência, infamados para sempre.

A sorte vingara a pobre Deia dos dois motores de sua desgraça, mas ela sofria tanto e por tal forma os desprezava, que nem se pode regozijar por esse resultado.

Demais, sua grande alma desconhecia essas mesquinhas satisfações, em que o vulgo se espoja!



XIV

Amava Mauricio a todos que Deia amava e votou profunda afeição à pequena Clara.

Passeava com ela, ensinava-lhe as lições com paciência, dirigia-lhe bem o espírito, beijava-a longamente, extasiando-se em encontrar na menina os adorados traços de Deia.

Esta formosa criatura contemplara trinta anos e, apesar de tantos sofrimentos, ostentava-se em esplêndida florescência da beleza.

As feições tinham o encanto de indefinível melancolia: parecia um anjo com a nostalgia do céu; o corpo era um poema de graça e frescura.

- Os criados acabavam de tirar a toalha do jantar, deixando Mauricio e Deia a sós, pois Julieta saíra com a filha.

O moço comera muito pouco e sofria, vendo tristonha expressão do semblante da mulher.

Sentara-se, sentindo opressão no peito e ela encostara-se à sacada, com o olhar perdido no horizonte.

O suave perfil apresentava-se a Mauricio, iluminado pelo sol

penete, as linhas do corpo desenhavam-se ricas, sob a sombria seda do vestido.

Contemplou-a ele, com todo o ardor de tormentosa paixão e com o enlevo do artista, ante sublime manifestação do belo, compreendendo bem o valor do inestimável tesouro!

Teve imensa aflição, soltou um gemido e perdeu os sentidos.

Voltando-se, e vendo-o pálido e inanimado, Deia correu para ele, ajoelhou-se, soprou-lhe as fontes, borrifou-o com água fria e, exclamava, desesperada:

- Mauricio! meu amor! minha vida! torna a ti!...Meu Deus! faça com que viva! Mauricio, eu te amo!

Ele abriu as pálpebras, surpreso, com o indizível espanto de inaudita felicidade: sorria, tremia e, delirante apertou-a loucamente ao peito, dizendo:

- Tu me amas?... deveras? Não é um sonho, Deia?!...

Ajoelhada, irradiando, a linda mulher cingia-o nos braços, murmurando:

- Amo-te, de há muito!....sempre, meu adorado Mauricio!....oh! quanto padeci! Não o sabes!

Ele uniu, desesperadamente, os lábios aos dela, sedento, faminto, em acre volúpia, tendo a sensação quase dolorosa do extremo gozo.

Saciava nesse primeiro e último beijo os infrenes desejos que o haviam atormentado, durante dez anos de tantálico suplício,

mirando sem cessar aquela síntese de todas as perfeições humanas!

Mas, em meio segundo, nesse êxtase, esgotou o que lhe restava de vida.

Afastando de si a mulher, ergueu-se hirto, dando com os braços em busca de ar e, pesadamente caiu, para não mais se levantar.

Pela transfiguração e imobilidade do marido e pela angústia que a pungia, Deia anteviu que ele havia morrido.

Chamou os criados, fez vir médicos, louca, entregue a horrível delírio: a morte era uma realidade, que forçoso foi reconhecer.

Ao entrar em casa, Julieta viu o quadro desolador: chorou amargamente o querido morto, quis velá-lo também, mas cedeu às instâncias de Deia, lívida, desvairada, ordenando-lhe que a deixasse só com o corpo de Mauricio.

Todo de preto, repousava Mauricio no caixão.

Sua bela fisionomia empalidecida tinha serena expressão, quase feliz.

A morte o surpreendera, no momento mais venturoso de sua existência e tão rápida fora, que a dor não pudera suplantar a alegria, que o inundava, conservando o rosto o reflexo de sua íntima ebriedade.

Deia passou a noite inteira a olhá-lo, a beijá-lo, a dar ao morto o que não ousara dar ao vivo.

Beijou-lhe os frios lábios, a ponto de enregelar os seus, apertou-

lhe as mãos até amorná-las; chorou, blasfemou, orou, sorriu, como se a pudesse ver!

Às vezes, desesperada, caía junto a ele, dizendo:

- Oh! Mauricio! tudo me deste e eu nada te dei!...Quando padecia, tu também e eu o ignorava!... Ah! se tivesse adivinhado! como correria a teus braços!.... Tu me amavas e morreste?!.... e eu não posso morrer!.... Mauricio! tornarei a ver-te, algum dia? haverá a eternidade?! oh! meu Deus! dá-me fé, faze-me esperar esse supremo consolo!

E, brandamente, passava os dedos pelos cabelos do moço, cantarolando em voz rouquenha, plangentes endechas²⁷, como se o acalentasse, e até julgando vê-lo respirar, quando essa ilusão provinha do cansaço de seus olhos febris.

Ao fecharem o caixão, perdeu os sentidos.

Abateu-se profundamente durante muitos dias, ao ponto de Julieta, que lhe havia colhido do corredor o amargo segredo de sua vida com Mauricio nos monólogos e exclamações noturnas junto ao cadáver, recear que ela também morresse.

Entretanto, no meio de sua dor, Deia ordenou que ninguém entrasse nos aposentos do marido.

Ainda convalescente, sem forças, arrastando-se quase, abriu pela primeira vez a porta que comunicava o seu *boudoir* com o quarto de Mauricio.

²⁷ Canção triste, lamento; variações de canção fúnebre portuguesa do século XVI; poesia fúnebre melancólica.

Andou, respirando apenas e entrou nessa parte da casa, que desconhecia completamente.

Ninguém ai estivera, depois da horrível catástrofe; e assim pode adivinhar os hábitos do ente amado e, até senti-lo, no perfume do ambiente e na disposição dos objetos do seu uso.

Esse gabinete servia pra fumar e repousar; continha quadros de alto preço, divãs, cachimbos, curiosidades e uma secretária de ébano esculpido.

Seguia-se o quarto de cama, arejado, com janelas para o jardim, estando o leito intacto, porque Mauricio não dormira na véspera de sua morte, o que muitas vezes lhe acontecera, passando as noites, sentado, sem poder respirar.

Deia olhava para tudo, com os olhos inundados de lágrimas, Tateando os móveis, a roupa, as cortinas, absorvendo, quanto possível, o que lhe restava de Mauricio.

No gabinete, abriu a secretária, com religioso recolhimento, na esperança de encontrar alguma coisa, que lhe falasse daquele triste amor e daquelas abafadas angústias.

Havia, no segundo compartimento à esquerda, um álbum negro com fechos de aço; o coração pulsou-lhe fortemente, passou a mão pela frente, desprende os fechos do livro e leu.

Era a narração das dores sufocadas, durante dias, meses e anos, irrompendo, no silêncio da noite, quando a alma, a sós consigo mesma, rejeita os véus que a encobrem e mostra-se em sofredora nudez!



XV

E ntre outros lamentos, havia os seguintes:

“Faz, hoje, um mês, que te conduzi à esta casa, com alegria no coração, cheio de esperança!....Oh! Deia! por que não terei a força de te odiar ou esquecer?....Que prestígio é o teu?!....Bela, adorável, criatura, apesar de tuas palavras destruírem o meu futuro, admiro tua lealdade e choro esse amor que me recusas. Às vezes, quase lamento a tua confissão: preferiria ser iludido, se me amasses!....que horrível covardia!

“Tens a febre dos divertimentos, vais à toda parte, com frenesi, buscas os prazeres; o que procuras, pobre mulher?....esquecer antigos pesares, afogar em caprichosa leviandade a vida que te pesa? Mísera! não o faças; vê a tua suprema beleza e tem dó de ti mesma!...Demais, o que seria de mim, se te visse, presa a outro!...oh! meu Deus! há ideias que engendram crimes!....Não! como verei dares a alguém o que não ousa fruir!.... Deia, sê boa, sê grande, conserva-te tal qual és.

“Já aborreceste as festas, não encontraste o que esperavas e tens no semblante o abatimento do desânimo! Sofres, querida, e esse teu sofrer quase me alegra; porque?... Acaso recearia eu a influência de outro qualquer homem?.... sim, desgraçado, cheguei à esta medonha

extremidade!

“Hoje, casou Julieta: possa ela encontrar a felicidade que merece! Como estavas formosa, Deia! Recееi tanto que não te saíesses bem na discussão filosófica e, ouvindo-te, extasiei-me! És a mulher que sonhei: beleza, talento, sentimento, tudo tens! Admiro-te mais que todos e menos que eles te vejo, ouço e falo! Invejам-me talvez, e, no entanto, a vida eu daria para estar, às vezes, no lugar que ocupam a teu lado!....Oh! que terror senti, quando os cavalos se espantaram e nada foi em comparação ao que me causou o teu contato! Tive-te nos braços, tépida, perfumosa, curtos momentos e como padeci! Que sensações! que dolorosa volúpia! Amo-te com a beatitude de uma alma cativa, mas, ao teu calor, senti que era homem e admirei o meu heroísmo em te fugir! Sublime criatura, feita de luz e frescura, não calculas o que a tua vista provoca de tormentosos desejos? Como escutei, ansioso, no silêncio da noite, se para mim te movias, se o magnetismo do meu sentir fizesse palpitar o teu corpo celeste!... Nada!.... no escuro corredor, nenhuma sombra, nenhum suspiro, nenhuma esperança!..... Ah! se me amasses, terias vindo e eu aqueceria tuas mimosas mãos, com a febre de meus beijos!

“Que insensatez! Há tanto tempo que espero, nada vejo e continuo nesta angustiosa expectativa de passar para ti um pouco do meu amor!... Às vezes, me parece impossível que este infinito afeto não ecoe em teu coração, Deia!... Ama-me, uma hora apenas, contentar-me –hei, juro-te; dói tanto assim viver sem uma esperança!

“Oh! Deia! não te amaldição, não! nada fizesse para que eu tanto te amasse: apareceste e me ofuscaste! Sofro muito, porém, consola-me a ideia de que, se não me amaste, por ninguém sentiste atração e

morro tranqüilo!.... Sim! morrerei, em breve, o mal progride, o pobre coração estala, não podendo resistir ao que o magoa...Dói-me pensar que não te lembraras de mim e, no entanto, levo-te comigo!....Em tua existência nada fui; um mal ou um estorvo talvez, perdoa-me; muito te amo! Amo-te! a ponto de me tornar crente e de esperar a eternidade contigo, em outra vida! Deia, lembra-te de mim, tu, que lastimas os pássaros mortos no inverno e as flores sepultadas na neve!

“Vieste à biblioteca, onde eu estava: um raio de esperança encheu-me a alma, ouvindo-te a voz grave, melodiosa, capaz de acalmar todos os furores! Falaste-me, como a um indiferente, receando uma recusa!....Como se meu cérebro pudesse formular qualquer oposição aos teus desejos!...Não! amada criatura! Tudo quanto quiseses quero e folgarei com a vinda de Julieta e Clara: são caras à tua alma e, por conseguinte, à minha também!

“É Clara o meu consolo, o meu passatempo: a ingênua criança parece compreender o que tanto a ela me prende: é a tua miniatura, Deia!.... O mesmo olhar, sem a melancolia das decepções, a boca igualmente rosada, sem a amarga expressão: é enfim, a Deia feliz, risonha, que quisera estreitar nos braços!

“Deia, há dez anos, que te vejo todos os dias, que ouço tua voz, sem saciar meus olhos, nem meus ouvidos! Dez anos!....não pensei durar tanto!.... Sabes o que são dez anos de quotidiana tortura, de fingida impassibilidade, de completa abstinência, com receio de não poder conter a lágrima, nem de refrear os ímpetos da carne, vivida, mortificante, sedenta?!....Como és bela! como tua formosura cumpriu todas as promessas, quanto te adoro!....Cedo, bem cedo, te deixarei

para sempre e talvez encontres a felicidade, que não te dei!...

“Hoje, tenho tanta saudade de ti, parece-me a antecipação da que sentirei na outra vida, e, no entanto, há alguns minutos apenas, que na sala te deixei! O coração assemelha-se a um abutre e coroe-me o peito; aflige-me tanto este incomodo! Se aqui estivesse sofreria menos, a tua presença minora o meu tormento! Deia, quanto te amo!

“Estas linhas não passarão por teus olhos, queimá-las-ei quando se avizinhar a morte: para que conheceres a dor daquele, que te era indiferente e que sempre te amará?.... Se pudesse fruir a delícia de teus beijos, embora morrendo!.... Deia! adorada criatura!”

Aqui terminavam os queixumes: escrevera o último período na véspera de morrer, ansiando por um beijo e teve no primeiro o último – gozo extremo, selado pela morte!

Julieta encontrou a irmã, inanimada, no tapete: ergueu-a, reanimou-a e leu a pedido dela o manuscrito.

Vendo-a chorar, Deia lhe completou, minuciosamente, todos os segredos de sua vida, martirizando-a, ainda mais com a narração de sua desventura.

Pobres irmãs!



XVI

Mauricio instituíra a mulher por sua herdeira universal.

Pouco tempo depois da morte do marido, Deia mandou chamar o tabelião, e esperando-o, pálida, desfeita, envolta em negras roupagens, parecendo trazer o luto de si mesma, ditou seu testamento: deixava tudo à Julieta e dava a terça à Clara.

O tabelião fez-lhe algumas observações sobre essa precipitação em testar, sendo ainda tão moça, podendo mudar de ideia e até contraindo novo enlace.

Ela sorriu dolorosamente e, com bondade, disse:

- Meu amigo, olhe bem para mim, julga que a minha dor possa acabar: ilude-se com esta aparência de vida!....Não falemos mais nisso e guarde minha última vontade, até que a notícia de minha morte chegue aos seus ouvidos. Então entregue a Julieta o que lhe compete. Adeus!

O pobre velho saiu, comovido, abalado em suas convicções sobre o egoísmo humano.

Aquela mulher, jovem, linda, milionária, morria de pesar, ansiando pela morte, que a reuniria ao ente amado e isto sucedia em

plena cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro!!

Julieta soluçava, muitas vezes, assistindo à agonia lenta, medonha da irmã, sem uma queixa, sem uma exprobração.

Deia lhe enxugava as lágrimas, maquinalmente a beijava, sem compreender que a outra chorava a sua impotência de não a poder consolar, nem arrancá-la à morte, que se aproximava.

Quando Clara a abraçava, com a meiguice das crianças mimosas e deitava-se em seus joelhos, aquecendo-lhe as frias mãos, Deia a embalava, murmurando, com o olhar vago:

-Mauricio! Mauricio!

Só esta lembrança a agitava: parecia que tudo o mais se apagara em seu luminoso cérebro.

Passava as manhãs nos aposentos do marido, relendo o álbum negro, comentando-o, notando a afinidade de suas almas amantes, falando-lhe como se a pudesse ouvir.

Um dia, Julieta sentiu tamanho desespero, que tomou as mãos da irmã, ajoelhou-se e, prorrompendo em pranto, disse:

- Deia! tu não me amas! nunca me amaste! queres morrer, queres deixar-me! Foste para mim um anjo de consolação, desde a infância e, agora, nem consentes que me lamente, que padeça por não te poder fazer viver!.... Oh! adorada irmã! vive; o que será de mim, quando te perder?....Vive, tem compaixão do meu pobre coração!

Deia lhe apertou meigamente, a cabeça, beijou-a nos olhos, na face, no colo, como outrora e disse:

-Julieta! muito te amo! porém não posso mais viver! é impossível!... Morro sem doença: o pesar mata-me e nenhum médico poderia salvar-me! Deixa-me morrer!... é tão bom ver cair a noite lentamente! Olha para Clara, é o meu retrato, apóia-te ao seu braço, em sua alma fresca orvalha a tua e sigam ambas amparando-se, mutuamente. Eu fico, sem forças, sem alegria, no pó da estrada: lembrem-se de mim no caminho!

E, cansada, deixou a fronte sonolenta pousar no ombro de Julieta.

Quando o sol brilhava e os pássaros cantavam em amorosa perseguição, ou quando a lua iluminava as sombrias serras, Deia olhava sem ver, aspirava a brisa perfumada e unia as mãos, em êxtase.

Não sabendo mais orar, apanhou uma vez na escassa memória o grito sublime do cantor lusitano²⁸, apropriou-se dele, em voz dulcíssima, disse:

“Alma minha gentil que te partiste,
“Tão cedo desta vida descontente,
“Repousa lá no céu eternamente,
“E viva eu cá na terra sempre triste
“Se lá no assento etéreo, onde subsiste,
“Memória desta vida se consente,
“Não te esqueças daquele amor ardente,
“Que já nos olhos meus tão puro viste.

²⁸ Luiz de Camões

“E se vires que pode merecer-te
“Alguma coisa a dor que lhe ficou
“Da mágoa sem remédio de perder-te,
“Roga a Deus, que teus anos encurtou.
“Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
“Quão cedo dos meus olhos te levou”.

E sua alma dividida destacou-se da terra, em busca da outra metade, que do céu a chamava e o corpo pendeu docemente para o túmulo, onde Mauricio a esperava, pálido, frio, na enregelada câmara da morte.

E cerrou as pálpebras, sorrindo, suavemente, aos que lhe choravam em torno e àquele que a viera buscar.

Julieta padeceu, durante muitos anos.

Um dia, em que orava pela irmã, Clara a beijou, com ternura, estreitando-a nos braços.

A mãe enxugou os olhos fatigados, suspirou e disse:

-Ah! minha filha! ainda me restas!...Obrigada meu Deus!

E, pálida, alquebrada, apoiou-se ao braço tépido e roliço da donzela, procurando reconfortar-se nessa alma, cheia de pureza e esperança.

FIM

